

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Cristina Quartieiro Dalpiaz Soares

**ABORDAGENS AÇORIANAS NA REALIDADE
ESCOLAR: trajetórias e perspectivas a partir do “olhar
geográfico” no ensino fundamental de Sombrio-SC**

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Ewerton Vieira Machado

Área de Concentração: Desenvolvimento Regional e Urbano
Linha: Geografia em Processos Educativos

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Soares, Cristina Quartieiro Dalpiaz
ABORDAGENS AÇORIANAS NA REALIDADE ESCOLAR :
trajetórias e perspectivas a partir do "olhar
geográfico" no ensino fundamental de Sombrio-SC /
Cristina Quartieiro Dalpiaz Soares ; orientador,
Ewerton Vieira Machado, 2017.
133 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Cultura açoriana. 3. Geografia
Escolar. 4. Açorianidade catarinense. 5. Geografia
em Sombrio. I. Machado, Ewerton Vieira . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Geografia. III. Título.

À minha família: meus filhos Bernardo, Guilherme, João Vítor e Enzo, pela paciência na espera da conclusão desta empreitada e ao meu esposo João Batista, pela parceria e compreensão desenvolvendo o papel de pai e mãe até a finalização de meu objetivo acadêmico profissional. A vocês, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares por todo apoio recebido principalmente a meu sobrinho Maurício Dalpiaz Melo pela força e companheirismo neste retorno à vida acadêmica.

Aos amigos e familiares que levavam os meus filhos para passear enquanto eu não podia por causa dos afazeres acadêmicos.

À amiga e colega Silvane Daminelli pela dedicação em se disponibilizar em corrigir a dissertação.

Aos colegas do IFC – Campus Santa Rosa do Sul e Sombrio por todo apoio e parceria.

Aos professores do PPGGEO por todas as colaborações diretas ou indiretas.

À banca de qualificação os Professores Doutor Nazareno José de Campos e Doutora Sandra Mendonça pelas valiosas contribuições.

Aos amigos que sempre perguntavam como caminhava a minha pesquisa.

Ao meu orientador Professor Ewerton Vieira Machado pela aceitação, apoio, compreensão e aprendizado, sem palavras para exprimir sua importância na minha formação.

Resumo

A criação de identidades culturais para determinado lugar vem se consumando como uma prática que pode se tornar vantajosa e alcançar finalidades econômicas como no campo do turismo, sendo este o caso de Sombrio e de outras cidades do litoral catarinense. Porém, pode haver efeito devastador, quando impede a apropriação do espaço pelos cidadãos, onde esses podem não se reconhecer no lugar em que vivem. As práticas de criação de identidades são frutos de processos da mundialização da economia que incentiva as sociedades e o poder público a seguirem tendências. Isso pode ser percebido analisando-se os conceitos geográficos como lugar, paisagem, cidade e urbano a partir das consequências e processos da globalização. Assim esses conceitos oferecem possibilidades para discussão, por exemplo, no que se refere à cultura, pois é através dela que se (re)constrói o espaço através do trabalho. Partindo desse pressuposto, esta pesquisa tem por questão básica compreender de que forma são operacionalizados os conceitos geográficos como os acima mencionados, através de abordagens da dimensão da cultura luso-açoriana no município de Sombrio/SC. Assim, tomou-se como recorte metodológico centrado nas escolas municipais e estaduais do ensino fundamental, localizadas no município de Sombrio, tendo-se professores de Geografia e alunos do 7º ano como sujeitos do universo pesquisado. Utilizou-se o recurso de entrevistas (questões abertas) visando compreender dimensões qualitativa e quantitativa da prática pedagógica de professores daquela disciplina escolar, notadamente sobre aspectos das abordagens e possíveis desdobramentos junto aos alunos, quando utilizados para as abordagens pedagógicas de construção de conceitos geográficos junto aos alunos. Analisou-se aspectos de como vem sendo promovida a apropriação daqueles conceitos associados ao conceito foco de espaço geográfico, a fim de contribuir para o debate de como a difusão da cultura açoriana implica no reconhecimento do lugar/ região. A partir de algumas experiências e vivências pedagógicas nas escolas, procurou-se analisar estas abordagens e de como vem sendo compartilhadas entre as contribuições de propagação da cultura açoriana em Santa Catarina. Espera-se, com esta pesquisa, oferecer pistas de reflexões aos interessados neste assunto, assim como apoiar os diálogos no Ensino Escolar através da Geografia.

Palavras-Chave: Cultura açoriana. Geografia Escolar. Açorianidade catarinense. Geografia em Sombrio.

Abstract

The creation of cultural identities for a particular place has been consummated as a practice which can become advantageous and reach economic aims as in the tourism, not only in Sombrio and but also in other cities on the coast of Santa Catarina. However, there can be a devastating effect when it prevents the appropriation of space by citizens, where they may not recognize themselves in the place where they live. Identity-building practices are the fruit of globalization of the economy that encourages societies and public authorities to follow trends. This can be perceived by analyzing the geographical concepts such as place, landscape, city and urban from the consequences and processes of globalization. Thus these concepts offer possibilities for discussion, for example with regard to culture, because through it (re) constructs space with work. Based on this assumption, this study has as basic question to understand how are the geographic concepts like those mentioned above, through approaches of the dimension of the Luso-Azorean culture in the municipality of Sombrio / SC. Thus, it was taken as a methodological clipping centered in the municipal and state elementary schools, located in the municipality of Sombrio, with Geography teachers and students of the 7th grade as subject of the universe researched. It was used the interviews (open questions) to understand the qualitative and quantitative dimensions of the pedagogical practice of teachers in that school discipline, especially on aspects of the approaches and possible developments with the students, when used for the pedagogical approaches of constructing geographic concepts together to the students. It was analyzed aspects of how the appropriation of those concepts associated with the concept of geographic space focus has been promoted, in order to contribute to the debate on how the diffusion of the Azorean culture implies the recognition of the place or region. Based on some experiences and pedagogical experiences in schools, we tried to analyze these approaches and how they have been shared among the contributions of propagation of the Azorean culture in Santa Catarina. It is hoped, with this research, to offer clues for reflections to those interested in this subject, as well as to support dialogues in School Education through Geography.

Keywords: Azorean culture. School Geography. Azorinity of Santa Catarina. Geography in Sombrio.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ACT – Admitido em Caráter Temporário

AMESC – Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense

COPEA – Comunidade Participante Escola Atuarite

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

NEA – Núcleo de Estudos Açorianos

SANTUR - Santa Catarina Turismo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

UNIASSELVI – Universidade Associação Leonardo da Vinci

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem da programação de 14º Arraial Fest de 2014.....	63
Figura 2 - Imagem da programação do Arrail Fest de 2014 (verso)	64
Figura 3 - Divulgação evento oficial do Arraial Fest de 2016.	64
Figura 4- Mapa das regiões turísticas de Santa Catarina.....	69
Figura 5 - Composição da mesa de autoridades da Mostra Cultural de Base Açoriana	79
Figura 6 - Participação da comunidade escolar no evento, pais, alunos e professores e funcionários.....	80
Figura 7 - Apresentação dos alunos da escola juntamente com professor.....	81
Figura 8 - Palestra sobre música e folclore de cultura de base açoriana.	82
Figura 9 - Exposição de produtos de tapeçaria, chapéus de palha e peneiras.....	83
Figura 10 - Encenação teatral com o tema Histórias de Bruxas.....	84
Figura 11 - Painel sobre mitos e credices.....	84
Figura 12 - Brincadeira do pau-de-sebo.	85
Figura 13 - Apresentação de dança no Pau-de-fita.....	86
Figura 14 - Apresentação de trovas com grupo da Terceira Idade ...	87
Figura 15 - Apresentação dos organizadores no encontro em uma comunidade.	89
Figura 16 - Apresentação dos painéis com informações coletadas das comunidades.....	90
Figura 17 - Mostra de produtos artesanais como crochê.....	91
Figura 18 - Exposição de artefatos em madeira.	91
Figura 19 - Mostra de artesanato como mantas de crochê e bonecas.	92
Figura 20 - Confraternização.....	93
Figura 21 - Exposição das comunidades no final do ano letivo, tear manual.	94
Figura 22 - Parte da exposição final na escola.	95
Figura 23 - Fachada da Biblioteca Pública.....	105
Figura 24 - Casa Cunha.....	106

Figura 25 - Atual Calçada Cultural.....107

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Cidade de origem dos alunos.	99
Gráfico 2 - Origem dos sobrenomes.....	100
Gráfico 3 - Descendência dos alunos.	101
Gráfico 4 - Raízes culturais que contribuíram para a formação da cultura de Sombrio.	102
Gráfico 5 - Patrimônio cultural que melhor representa a cultura de Sombrio.	103
Gráfico 6 - Patrimônios culturais mais significativos.	104
Gráfico 7 - Origem do patrimônio.....	108
Gráfico 8 - Identificação com a cultura de base luso-açoriana.....	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	23
1.1	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	24
1.2	OBJETIVOS DA PESQUISA	26
1.2.1	Objetivo geral.....	26
1.2.2	Objetivos específicos	27
1.3	DEFINIÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO	27
2	CAMINHOS DA GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: BASES CONCEITUAIS APORTES NORTEADORES ÀS REFLEXÕES NA PESQUISA	31
2.1	AS DIMENSÕES DE TEMPO E MEMÓRIA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS.....	31
2.2	PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEPÇÕES E USOS DO SIGNIFICADO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO.....	36
2.3	OUTROS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA ESCOLA PARA COMPREENSÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELO USO DO TERRITÓRIO.....	41
3	APRESENTANDO SOMBRIO: ASPECTOS DA FORMAÇÃO E USO DO TERRITÓRIO À LUZ DE ABORDAGENS LUSO-AÇORIANAS.	51
3.1	MUNICÍPIO DE SOMBRIO: ASPECTOS DO TERRITÓRIO E SUA DINÂMICA SÓCIOESPACIAL.	51
3.2	DIMENSÕES DA CULTURA DE BASE LUSO-AÇORIANA NO LITORAL CATARINENSE: REPENSANDO PRÁTICAS SOCIO- CULTURAIS EM SOMBRIO.	60
4	ABORDAGEM LUSO-AÇORIANAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS NO ENSINO ESCOLAR.	77
4.1	ALGUNS ITINERÁRIOS DE ABORDAGENS PEDAGÓGICAS EM CONTEÚDOS LUSO-AÇORIANOS EM SOMBRIO- SC	77
4.2	REVELANDO CONTEXTOS ATUAIS “OLHAR GEOGRÁFICO NO ENSINO FUNDAMENTAL DE SOMBRIO”	96

4.2.1 Perfil Docente e Discente	96
4.2.2 Condições e possibilidades constatadas	98
4.2.3 Refletindo a realidade e suas tendências	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	121
ANEXO 01 – Termo de consentimento e livre esclarecimento.....	127
ANEXO 02 – Entrevista para os professores	129
ANEXO 03 – Entrevista para os alunos	132

Marcadores de Percursos Identitários

O início de toda profissão é sempre um desafio. O meu surgiu após encerrar o ensino médio profissionalizante - curso de magistério, na Escola Marcílio Dias em Torres – RS, cidade onde nasci.

A falta de professores na década de 1990, em Santa Catarina, contribuiu para minha precoce admissão em caráter temporário como professora de Geografia no Ensino Fundamental, na cidade de São João do Sul, cidade onde resido atualmente.

A busca pela qualificação levou-me a procurar o curso superior Licenciatura em Geografia na UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Formei-me em julho de 2000. No ano seguinte, prestei concurso para o cargo de professora da rede estadual de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Fui aprovada nos dois concursos. A partir de então, efetivei-me na função que já vinha exercendo, a de professora, entretanto não mais como ACT (Admitido em Caráter Temporário), na cidade de São João do Sul / SC (40h) e na de Torres/RS (20h). No ano de 2003, participei do curso de especialização em “Prática Interdisciplinar de Ensino”, promovido pela UNIASSELVI, na modalidade presencial em São João do Sul.

A intensa atividade semanal que exige muito daquele que compõe o magistério público, agregadas às tarefas atribuídas àquelas que são mães, não me permitia continuar seguir no caminho da capacitação. Fazer um curso em formação continuada era sempre muito difícil. Quando conseguia liberação de uma escola, a outra não permitia. Esses conflitos foram gerando insatisfação, causando-me prejuízos emocionais, já que sentia a necessidade de continuar estudando, mas não conseguia. Por algum tempo, sem escolha, conformei-me em ficar “presa” às escolas, repetindo as mesmas metodologias aprendidas na graduação, sem conseguir avançar e nem mesmo refletir sobre a minha prática diária, pois na correria cotidiana entre escolas, não havia tempo sequer para mínima avaliação reflexiva.

Cansada da rotina, resolvi em 2009 exonerar-me do cargo de 20 horas no Rio Grande do Sul. Passei a estudar, preparando-me para concursos, que fossem financeiramente compensadores e que não precisasse trabalhar 60 horas semanais. Comecei, então, a fazer concurso para os Institutos Federais, disputando vaga para professor de Geografia, só assim seria possível realizar o sonho de dar continuidade à minha qualificação profissional.

Em 2012, obtive aprovação no concurso para professora do Instituto Federal Catarinense, ministrando aulas de Geografia no Ensino Médio e no Curso de Graduação em Gestão de Turismo, na disciplina Organização do Espaço Brasileiro. Nessa instituição, as possibilidades de dar continuidade à minha formação tornou-se necessidade articulada com as funções pedagógicas que passei a exercer.

Objetivando buscar efetivamente qualificação profissional, senti-me motivada em procurar a UFSC – PPGGEO. Em 2013, conheci melhor o curso e também alguns professores, uma vez que nesse período iniciei uma disciplina como aluna especial. No segundo semestre, participei do processo seletivo e fui aprovada para cursar Mestrado em Geografia, na concentração DRU, na Linha Geografia em Processos Educativos, tendo como orientador o Professor doutor Ewerton Vieira Machado.

Não foi possível me afastar das atividades profissionais, e era preciso encontrar tempo para dedicar-me às leituras exigidas pelas disciplinas cursadas, como aquelas de aprofundamento conceitual, relacionadas ao projeto de pesquisa em construção. Ao lançar-me à tarefa de professor pesquisador, sabia que não seria fácil. Todavia, a possibilidade de oferecer a outros professores os resultados desse estudo como forma de promover a formação continuada daqueles que têm como segunda casa a sala de aula, que continuamente refletem e buscam contribuir para o desenvolvimento de uma “geografia mais humana”, impulsionou, motivou e possibilitou a conclusão desta dissertação.

1 INTRODUÇÃO

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998) menciona que os desafios da educação escolar, atualmente, abrangem uma série de situações que vão desde como a escola se situa perante as determinações sociais até a postura daqueles que efetivamente conduzem o processo educativo nas instituições. No que diz respeito ao ensino da geografia, entende-se que a disciplina se dedica a compreender o espaço construído pelos homens em relação à natureza. O compromisso social da Geografia define-se por sua responsabilidade em estimular o pensamento crítico/reflexivo, levando o aluno a compreender o meio em que está inserido e as relações desse meio com o mundo em sua totalidade.

A Proposta Curricular de Sombrio lembra que “o estudo da paisagem local não deve se restringir à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem, antes deve servir para compreensão crítica do espaço geográfico (SOMBRIO, 2012)”. Assim, o ensino da geografia está fundamentado numa concepção em que o espaço geográfico é produzido e organizado pelo homem. No tocante ao estudo da produção, supõe perceber as relações que os homens desenvolvem entre si e com o meio, o método como se desenvolve o processo de estudar também é decisivo para a verdadeira apropriação dos significados e sua contextualização, por isso é interessante que o professor adquira posturas pedagógicas. Para Cavalcanti (2008, p.), o professor deve:

Contribuir para a compreensão de que o espaço geográfico é concebido e construído intelectualmente como um produto social e histórico, que se constitui em ferramenta que permite analisar a realidade em sua dimensão material e em sua representação.

Com base nisso, entende-se o papel da Geografia como forma de compreender o espaço como um todo, nos aspectos físicos e humanos, suas determinações e a relação que a sociedade estabelece com o meio. Conforme Castrogiovanni, o objetivo principal dos estudos na Geografia está ligado ao espaço geográfico, que:

continua sendo entendido como produto histórico, como um conjunto de objetos e de ações que revelam as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem num determinado lugar, interagem, sonham, produzem, lutam e o (re)constroem. (CASTROGIOVANNI, 2000, p.7).

Nas práticas da sociedade está a cultura, que dá o direcionamento para todas estas ações de (re)construção do espaço, portanto, ela é parte intrínseca de todo o processo de trabalho. Desta forma, a produção de conhecimento favorece a apropriação do espaço pelo educando, fazendo com que este se reconheça nele. Todavia, as políticas públicas de divulgação cultural (principalmente a que é financiada pela Santur) quase sempre visam interesses particulares para inserção do município na indústria do turismo, não permitindo esta apropriação do espaço por parte dos cidadãos, pois, acaba sendo artificial sem ter muito sentido para as pessoas que ali vivem, dificultando, assim, os processos educativos de compreensão do espaço.

1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A “construção do espaço” por estar relacionada à cultura do lugar é resultado da história das pessoas que ali vivem, em grupos e da forma como trabalham, produzem seus bens e usufruem de recursos disponíveis. A interação das pessoas com o território em que vivem deixa marcas que permanecem como formas usos, no decorrer dos tempos e ganha sentido para quem ali vive, já que as pessoas são parte daquele lugar que ajudaram a formar como espaço. Deste modo, a construção de conceitos, nas aulas de Geografia, remete, necessariamente, a uma análise identificada com a dinâmica da cultura do município, com as marcas que permanecem no território e com a dinâmica histórica da sociedade e do lugar.

Reconhecer como o tema “formação cultural de base açoriana” é abordado nas aulas de Geografia permite uma compreensão pedagógica no que diz respeito à construção de conceitos fundamentais pela discussão de espaço geográfico, na formação escolar. Assim, conceitos de lugar, paisagem, cidade, urbano e seus possíveis desdobramentos fazem parte desse contexto pedagógico, em

que essas aprendizagens comprometidas fomentam perspectivas para a formação do aluno-cidadão e suas inserções territoriais.

Por outro lado, a maneira como elementos da cultura de base luso-açoriana está sendo propagada, em vários municípios do litoral de Santa Catarina, configura-se como prática difundida, como tentativa de resgatar os elos identitários. Contudo, é preciso ressaltar que isso foi praticamente esquecido até a década de 1980, e que passou a ganhar maior impulso a partir de 1990, pelo setor econômico para o desenvolvimento do turismo, nessas regiões catarinenses, inclusive a região de Sombrio foi inserida nesses tentáculos de “negócios” do ou para os lugares.

Em Sombrio, a tradição do que é identificado como cultura açoriana foi praticamente esquecida, até mesmo o que diz respeito à vinda dos imigrantes e suas adaptações às normas locais, passando a não gerar visibilidades e expressão maior, se comparadas às manifestações culturais dos imigrantes italianos e alemães. Tudo que restou foram resquícios hibridizados, dentro de tradições ressignificadas como “cultura popular”, que até a década de 1990 era vista como “tudo igual”, sem a devida referência às origens de tais identidades.

Para dinamizar o turismo em Sombrio e conseqüentemente aquecer a economia, a Prefeitura Municipal vem realizando algumas tentativas de buscar reconhecimentos de elementos da cultura de base açoriana como forma de reconhecer identidades para o município. Assim, foi construído, no centro da cidade, um “museu ao ar livre”, com diversos objetos “considerados antigos”, que visavam remontar traços ditos das origens da cidade. Com engenhos de farinha e de cana-de-açúcar, moenda de torresmo, fornos, trilhadeiras, peças utilitárias de cerâmica, uma canoa feita de um único tronco, foram introduzidos elementos na paisagem da área central e complementados por 14 mosaicos ilustrando, artisticamente traços de uma história quase “perdida” de Sombrio. A partir de então, estes objetos passaram a despertar novos interesses e curiosidades, principalmente quando a cidade foi integrada ao Projeto AÇOR (Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina), em 2011, sediando evento institucionalizado pelo NEA-UFSC. A Prefeitura Municipal, naquele ano, deu início ao desenvolvimento de várias atividades e “comprometeu-se” em resgatar essa “dimensão cultural adormecida”. Foi o caso, por exemplo, de

oferecer apoio ao grupo Açor Sul Catarinense¹ que passou, cada vez mais, propagar objetivo de preservação da cultura açoriana no/do município.

Desse modo, é importante investigar se essas práticas culturais e seus rebatimentos no território, antes esquecidos, agora apregoados, principalmente com apoios oficiais, estão em sintonia com os interesses dos habitantes do município, ou seja, se a população se reconhece nessas dimensões remanescentes da cultura através de marcas açorianas presentes na paisagem e em modos de convivência cotidiana.

Esta pesquisa não tem a pretensão de analisar diretamente os habitantes de Sombrio, tampouco se estes se identificam com traços da cultura açoriana. Almeja-se fazer, então, uma reflexão através do ensino da geografia em escolas do ensino fundamental existentes no município, analisando dimensões pedagógicas frente à difusão em marcha da cultura açoriana, procurando avaliar como a construção de conceitos e suas práticas cotidianas permitem apropriação de ideias nos usos cotidianos do território, e, conseqüentemente, na produção da dimensão do espaço geográfico.

Nesta perspectiva, pretende-se avaliar elementos inerentes à formação escolar, que são resultantes cada vez mais de um processo histórico e da sua relação com a dinâmica global contemporânea.

1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.2.1 Objetivo geral

¹ Segundo site o grupo cultural é composto por aproximadamente 40 integrantes, divididos entre os músicos responsáveis pela “Tocata”, como é chamada a banda que anima com instrumentos as apresentações, e os dançarinos que elaboram as coreografias.

Durante os seus 14 anos de trajetória, o grupo já se apresentou em inúmeros eventos culturais realizados em cidades espalhadas por todo país, inclusive, no arquipélago dos Açores, em Portugal. Mas é em municípios litorâneos de Santa Catarina, como Laguna, Florianópolis, São Francisco do Sul entre outros, que ele mais realiza seus trabalhos. (Site: <http://grupoacorsulcaterinense.com.br>, acesso em 23/06/2017).

- Analisar como alunos e professores do Ensino Fundamental de escolas da rede pública no Município de Sombrio/SC compreendem a construção do espaço geográfico e como desenvolvem conceitos afins, através de abordagens que articulem elementos da cultura de base açoriana no uso do território.

1.2.2 Objetivos específicos

- Avaliar como os alunos do Ensino Fundamental se apropriam de conceitos geográficos nas categorias de lugar, paisagem, cidade e urbano e outros afins, a partir de discussões sobre espaço e suas inter-relações com abordagens de base luso-açorianas.

- Identificar e discutir aspectos, no que tange a alunos do Ensino Fundamental, voltados ao reconhecimento de “marcas” associadas à tradição de base luso-açoriana, no território do Município de Sombrio/SC, que vêm sendo disseminadas como parte da cultura na formação social do lugar e ou sua região.

- Avaliar como os professores de Geografia das escolas públicas do Município de Sombrio realizam abordagens, em suas aulas, sobre conceitos de lugar, cidade e urbano, paisagem e outros afins, a partir da compreensão de espaço geográfico em articulação com temáticas de base açorianas, quando assim for possível.

1.3 DEFINIÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO

Para o desenvolvimento e execução desta pesquisa foram realizadas entrevistas com os professores de Geografia da rede pública municipal. As escolas da sede: EEB Municipal Prof^a Nilsa Matos Pereira, EEB Municipal Prof^a Alda Santos de Vargas, EEB Municipal Prof^a Nair Alves Bratti. A escola da Vila de Retiro da União, a EEB Municipal Antônio Start e a da Vila Boa Esperança, EEB Municipal Juvenil da Cunha Colares. Também fazem parte da entrevista, os professores das escolas estaduais: EEB Governador Irineu Bornhausem, EEB Protásio Joaquim da Cunha e os da EEB Normélio Cunha, essa última localizada em Guarita – distrito de Sombrio.

Foram entrevistados 09 professores de Geografia que atuam nas escolas supracitadas. A entrevista contempla a investigação a respeito de como os professores trabalham com os conceitos geográficos.

Também foram entrevistados alunos do 7º ano que estudam na escola Irineu Bornhausem. A escolha da turma deve-se ao fato de que, segundo a Proposta Curricular do Município, é no 6º ano que são trabalhados os conceitos geográficos e no 7º ano são abordados conceitos sobre Brasil e as Regiões. Nessa etapa, os alunos analisam as culturas regionais e conseqüentemente características culturais da Região Sul, já que é neste momento que os alunos têm contato com as culturais locais, facilitando, assim, o diálogo entre discentes e docente/entre quem ensina e quem aprende.

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) sugere que os conceitos espaço, lugar, paisagem, cidade e urbano sejam desenvolvidos pelo professor na forma de temas. Desta forma, no 6º e 7º anos tem-se a possibilidade de desenvolver tópicos referentes à constituição da população brasileira e ocupação do território nacional (processo de colonização – etnias/cultura, estrutura e dinâmica da população); organização da população e apropriação da natureza; distribuição da população e atividade econômica; circulação de mercadorias, pessoas e ideias; divisão social e territorial do trabalho; questão ambiental no Brasil e, ainda, o Brasil no MERCOSUL.

Os alunos do 7º ano estão aptos para responder às questões introduzidas na entrevista, uma vez que os temas que mais se relacionam com a construção socioespacial do município/estado/país são os trabalhados nessa série.

Ao se buscar vestígios e explicações dos fenômenos, a pesquisa qualitativa foi escolhida por ser a mais indicada. Portanto, algumas das questões aplicadas são subjetivas, importantes para compreender e interpretar experiências e obter aprofundamento acerca das informações fornecidas pelo grupo escolhido, que é composto, como já informado, por alunos e professores do Ensino Fundamental, das escolas da rede pública de Sombrio. Outro aspecto importante, diz respeito à possibilidade de compreender como os professores desenvolvem com seus alunos conceitos de formação socioespacial através de abordagens que articulam elementos da cultura de base açoriana no uso do território.

A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa possibilitou acesso a mais informações, pensando na aplicação de ambas separadamente. Tanto a pesquisa quantitativa quanto a pesquisa qualitativa apresentam diferenças, ou seja, pontos fracos e fortes. Contudo, os elementos fortes de uma complementam as fraquezas da

outra. Essa união configura-se fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, tornando-a mais completa.

Para atingir a finalidade deste estudo, aqui proposto, optou-se por procedimentos metodológicos que contemplam, predominantemente, aspectos qualitativos, por apresentar maior relação com as características do tema e por abranger universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

Esta pesquisa, aqui na introdução, apresenta o contexto, o desenvolvimento, os colaboradores-alunos, escolas, professores. Apresenta ainda os objetivos da pesquisa em torno dos quais está focada a investigação; a justificativa em que relata os motivos que levaram ao levantamento do problema e o conseqüente desenvolvimento.

O segundo passo, consistiu em elaborar uma base conceitual para a busca de compreensões e análises de conceitos geográficos como espaço geográfico, lugar, cidade e urbano, desenvolvidos e utilizados nas aulas de geografia com o objetivo de direcionar a pesquisa rumo à compreensão da prática educativa nas escolas do município de Sombrio. Conseqüentemente, essa busca contribui para a discussão das possíveis formas de abordagem dos referidos conceitos, objetivando, desta forma, a formação dos educandos para a cidadania. Além de conceitos geográficos, ampliou-se a reflexão sobre tempo e memória, sendo esta a base para entender a cultura como elo entre a sociedade e a construção do espaço. Ou seja, é através da cultura que a sociedade faz as modificações no espaço, no decorrer dos tempos, apresentando na atualidade as marcas dessas modificações. O aprofundamento sobre patrimônio cultural foi importante para, de forma mais clara, analisar as relações entre políticas públicas de incentivo e manutenção dos bens materiais e imateriais para, então, compreender de que forma as políticas públicas estão em sintonia com a identidade dos habitantes do município de Sombrio. Assim, será possível observar se os alunos e os professores realmente se reconhecem incluídos na cultura difundida, de base açoriana, já que este é um dos aspectos a ser abordado nessa pesquisa.

O capítulo 3 refere-se às reflexões acerca de como é usado o território de Sombrio e sua relação em escala superior com o estado, país e mundo, dentro do processo de globalização. Essa reflexão está relacionada com as abordagens de cultura luso-açorianas, presentes no cotidiano da sociedade e sua repercussão nas discussões e práticas de ensino-aprendizagem.

A análise de como ocorrem, nas aulas de Geografia da rede pública municipal de Sombrio, as abordagens de cultura luso-açoriana,

será apresentada no capítulo 4, através dos resultados das entrevistas e reflexões pertinentes que norteiam toda a pesquisa no contexto escolar e a prática de ensino diária.

2 CAMINHOS DA GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: BASES CONCEITUAIS APORTES NORTEADORES ÀS REFLEXÕES NA PESQUISA

A seguir, apresentar-se-ão as abordagens que constituem percursos necessários para fomentar as análises no decorrer desta dissertação, visando à fundamentação teórica da pesquisa. Inicialmente, procurou-se estabelecer uma apropriação gradativa do significado e discussão de alguns termos indissociáveis ao foco temático como patrimônio cultural, tempo e memória, articulando-os com o conceito geográfico de espaço e seus desdobramentos nas categorias de lugar, paisagem, cidade e urbano e outros afins aos usos do território. A essa abordagem foram relacionadas discussões inerentes ao processo educativo de aprendizagem, no que compreende o ensino da geografia escolar.

2.1 AS DIMENSÕES DE TEMPO E MEMÓRIA NOS ESTUDOS GEOGRÁFICOS.

Milton Santos (2012) apresenta uma tipologia e significados para que se entenda o tempo, definindo-o como “*momento, instante, ocasião*”. A esse respeito Russel (1948,1966) diz que “um evento resulta de uma série de instantes” (p.143) com base nisso, Santos alerta para o fato de que a sinonímia não é perfeita, contudo pode ser usada na construção de uma teoria geográfica, em que é possível utilizar tais vocábulos. Com isso, o autor afirma que o lugar “é o depositário final, obrigatório do evento” e que o evento é resultado da ação, portanto, para ele, o evento não é físico, mas social.

Sob uma “perspectiva dialógica”, o tempo aqui é caracterizado para além de uma visão cronológica ou sucessiva. O “momento”, por exemplo, pode ser entendido como um “passeio temporal” em que o homem perpassa sua realidade e realiza suas atividades.

Santos (2012) ainda afirma que existem forças capazes de incidir sobre extensas áreas, e o Estado é a principal delas, uma vez que as decisões atingem as vidas das pessoas, das empresas, entre outros. A atuação dessas forças pode ocorrer em várias escalas, desde a esfera nacional à municipal. Em relação à escala de ocorrência de um evento, as instituições supranacionais e empresas multinacionais são capazes de produzir eventos em escala mundial (SANTOS, 2012).

Nesta interpretação se não é possível dissociar espaço e tempo (nomeado como evento), pensar em duração e escala do evento significa colocá-lo em uma superfície de incidência, ocorrência e extensão. Novamente, nesse contexto, há uma espacialidade agregada. Assim, o que se sucede não é o tempo, mas a ordem dos eventos que possuem um valor atribuído, interligados a uma rede horizontal e vertical, definida por Santos (2012) como a “continuidade temporal e a coerência espacial”.

Nesta perspectiva, o valor social sobre o evento se manifesta nos objetos, de acordo com o momento histórico, em que o espaço reúne diferentes temporalidades. Assíncronas, na forma como se processam, e síncronas: acontecem no mesmo momento. Por isso, “o entendimento dos lugares, em sua situação atual e em sua evolução, depende da consideração do eixo das sucessões e do eixo das coexistências” de eventos socioespaciais (SANTOS, 2012, p.159).

Decorre daí a compreensão dialética de totalidade (parte no todo e vice-versa) que também é associada ao tempo, assumido como “evento” por Santos (2006). Tal abordagem facilita o entendimento da totalidade na relação local-global exposta pelo autor e novamente insere tempo e espaço num mesmo viés interpretativo da realidade. Admitindo a totalidade como algo inerente ao momento e a história. O autor afirma que a energia deste movimento é a “divisão internacional do trabalho”. Essa condição, num processo dialético de “tese, antítese e síntese” transforma e ressignifica constantemente os eventos, os momentos e os instantes dessa totalidade temporal e espacial. Em outras palavras, é o mundo em permanente transformação física, social, relacional e valorativa das ações humanas, que dá sentido ao espaço geográfico ou territórios usados.

Diante do que foi abordado, percebe-se uma constante tentativa argumentativa de inserir a espacialidade ao tempo e às características que os compõem. É uma notável construção teórica que visa à legítima incorporação do espaço e da ciência geográfica na academia e na sociedade.

A noção de tempo é marcada pela consciência de nascimento e morte, delimitando assim a dimensão humana. Na busca de prolongar a sua existência, o homem procura de certa forma rememorar o passado numa tentativa de sustar os efeitos do tempo. O esquecimento estaria associado a uma vida curta, sem feitos, quase a um banimento. O meio para evitar esse processo é através da memória. Por outro lado, o esquecimento também pode ser “proposital”, já que torna a memória um tanto seletiva, mantendo apenas aquilo que vai se adequar aos interesses de determinados sujeitos sociais e segmentos afins.

A permanência na sociedade de algo, como fatos, objetos, costumes, depende da memória que poderá ser convertida em linguagem escrita, aumentando assim o grau de permanência. “As palavras e os pensamentos morrem, os escritos permanecem” (HALBWARCHS, 2004, p.85), portanto, a memória escrita tem importância. Qualquer tipo de objeto também pode remeter à memória, assim o passado fica materializado no espaço, dando suporte à compreensão.

A valorização do passado nas cidades, segundo Abreu (1998), é uma característica comum às sociedades das décadas de 1980 e 1990. Conforme o autor, o motivo se deve a transição vivida nos últimos tempos por uma sociedade que não pensa apenas no futuro, tendência derivada do iluminismo. Nas épocas atuais, a sociedade procura reorientar suas visões de mundo, vivendo mais o presente, desconfiando daquilo que o futuro reserva e revalorizando o que foi construído no passado, ou seja, vivendo de forma mais equilibrada essas três instâncias.

Com base nisso, as marcas do passado, estampadas na paisagem, adquirem importância para a sociedade e passam a ser reutilizadas de acordo com os interesses de usos locais, ou seja, na paisagem existem marcas do tempo que adquirem novos usos, diferentes do que foram utilizados no passado. A essas formas, Milton Santos (2012) chama de *rugosidades*:

Chamemos *rugosidade* ao que fica no passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas e como arranjos. É dessa forma que elas são uma parte desse espaço-fator. Ainda que sem tradução imediata, as rugosidades nos trazem os restos de divisões do trabalho já passadas (todas as escalas da divisão do trabalho), os restos dos tipos de

capital utilizados e suas combinações técnicas e sociais com o trabalho (SANTOS, 2012, p.140).

A presença e reconhecimento dessas rugosidades torna os lugares ainda mais únicos, mais singulares, principalmente quando preservado pelas “instituições de memória” ou ainda vivo na cultura e cotidiano dos lugares.

A memória individual está ligada a um “lugar”, desta forma a cidade seria uma das aderências que ligam os indivíduos, famílias e grupos, forças sociais entre si. Entretanto, a cidade não é um coletivo de vivências homogêneas. O que ocorreu foram relações sociais que podem ser de dominação, de cooperação e de conflito que variam tanto no tempo como no espaço. Coexistem territorialmente inúmeras memórias coletivas e nem todas conseguiram ser registradas antes de se perderem com o tempo, antes de estarem materializadas na paisagem. Portanto, subsistem fragmentos das memórias coletivas que a cidade produziu e estão, por vezes, ligados à estrutura de poder, pois as classes mais altas são as que fizeram objetos mais duráveis e foram elas também que criaram as instituições da memória (ABREU, 1998).

Por este motivo, seria praticamente impossível recuperar a memória de uma cidade se isso representar a totalidade das memórias coletivas vividas nela². Entende-se, então, que é preciso buscar elementos em campos da Geografia e da História para fazer esse resgate. Essas disciplinas enquanto ciências têm o compromisso com a verdade e seguem um método científico. Para Abreu (1998), elas são colocadas em prova continuamente, inclusive as memórias, já que ajudam a retificar as omissões e erros.

Com base nisso, o autor defende a necessidade de reconhecer que qualquer vestígio do passado jamais é neutro, por isso é imprescindível contextualizar o vestígio, saber quem o produziu, quando e com que objetivo foi produzido. Outro ponto importante, destacado pelo autor, é não aceitar como definitiva qualquer interpretação dada sobre o passado, pois, esta interpretação pode vir carregada de intenções que por vezes não representam o que foi realmente vivenciado pelas pessoas que ali vivem.

A busca pela correta interpretação impede que o sujeito não se reconheça no lugar em que vive, o que seria uma tragédia: “quando o

² A possibilidade necessária e urgente de resgatar muitas memórias na cidade, garantindo, desta forma, às gerações futuras um lastro de memória importante para a construção da identidade.

homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, desconhecendo a memória desse lugar, resultando em uma vigorosa alienação” (SANTOS,1999, p.263).

A memória, segundo Abreu (1998), compõe-se, então, como um importante elemento da identidade individual ou coletiva. A busca é uma das atividades fundamentais da sociedade e do sujeito. Ela se diferencia da história por reter do passado apenas aquilo que ainda está vivo na consciência do grupo social. Contudo, à luz da história, pode-se estabelecer relações em escala regional, nacional e global.

A apreciação empreendida sobre o tempo, memória e história, sua íntima relação com a construção social, possibilita afirmar a identidade de um grupo social, principalmente a que se refere à cultural.

A identidade cultural é o conjunto de relações sociais e patrimônios simbólicos historicamente compartilhados que estabelecem a comunhão de determinados valores entre os membros de uma sociedade. Vale destacar que se trata de um conceito complexo, que vem sendo discutido e reformulado. Pesquisadores como Hall (1997) defendem a ideia de que a identidade cultural não pode ser vista como um conjunto de valores fixos e imutáveis e que definem o indivíduo e sua coletividade. Segundo o autor:

Compreende-se como identidade um processo do sujeito pós-moderno, conceituado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL,1997, p.13).

Canclini (2013) também manifesta recorrente preocupação quando analisa algumas situações em que a cultura e identidade não podem ser pensadas apenas como um patrimônio a ser preservado. Para ele, a modificação e o intercâmbio são caminhos que orientam a formulação e a construção das identidades.

A ideia de dinamização da identidade cultural pelas mudanças que ocorrem no território usado, mencionada por Hall (1997) e por Canclini (2013), corroboram o conceito de totalidade, defendido por Milton Santos (2012).

Segundo esta ideia, todas as coisas presentes no universo formam uma unidade. Cada coisa nada

mais é que uma parte do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário é a totalidade que explica as partes (SANTOS, 2012, p.116).

Com base no que coloca o autor, entende-se que o “Todo” é maior que a soma de suas partes, assim, a mobilidade da sociedade é parte dessa totalidade.

Tomemos o caso de uma dada sociedade, uma Formação Social. O que caracteriza o Tempo 1 não é aquilo que se define no Tempo 2. Imaginemos que ela dispõe de uma população global em crescimento e de uma produção industrial também em crescimento. No Tempo 2, encontraremos situações diferentes daquelas do Tempo 1. A população atual já não é a mesma; a população urbana já não é a mesma, a produção industrial já não é a mesma. Assim no momento B, imediatamente consecutivo ao momento A, o Todo é diferente do Todo anterior. Mas trata-se de outra entidade? Ou estaremos diante da mesma sociedade em movimento (SANTOS, 2012, p. 116).

A impossibilidade de uma sociedade imutável está conectada com o “Todo”, uma vez que se configura como “algo que está sempre se renovando, para se tornar de novo, um outro todo” (Ibid p.117). A partir disso, compreende-se a possibilidade de a população abraçar a sua cultura e garantir todas as formas possíveis de cristalizá-la, quando está em questão definições menos rígidas, apresentadas pelos novos discursos. Assim, presencia-se a abertura de novas possibilidades de entendimento do comportamento do homem com seu mundo, obtendo novas compreensões e expectativas.

2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL: CONCEPÇÕES E USOS DO SIGNIFICADO NO ESPAÇO GEOGRÁFICO.

Para empreender o estudo em que se discute a origem do patrimônio cultural em Sombrio, faz-se necessário, primeiramente, retomar aqui a compreensão do termo cultura. A UNESCO³ define cultura como:

“O conjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afetivas, que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, que engloba, além das artes e das letras, o modo de viver, sistemas de valor, tradições e crenças” (IPHAN, 2000).

Assim, entende-se por cultura o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social, ou ainda todo conhecimento que uma sociedade tem de si mesma sobre outras sociedades, sobre o meio material em que vive e a própria existência.

O patrimônio cultural abrange diferentes grupos sociais e está relacionado às referências consideradas representativas, no que tange aos bens materiais e imateriais. Desta maneira, tem caráter social, já que seu valor⁴ é determinado pelas relações sociais e é atribuído em função de critérios e interesses.

A ideia de patrimônio está associada a representações legítimas. Do mesmo modo, ao interagir com o presente, contribuiu para reforçar vínculos de pertencimento entre o indivíduo e o grupo de que o indivíduo faz parte.

Patrimônio cultural, de acordo com o dicionário, é “Bem ou conjunto de bens culturais ou naturais de valor reconhecido para determinar uma localidade, região, país ou para a humanidade. Ainda, ao se tornarem protegidos como, por exemplo, pelo tombamento, os

³ UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura. É a agência das Nações Unidas que atua nas áreas de mandato: Educação, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Sociais, Cultura e Comunicação e Informação.

⁴ A ampla discussão referente à expressão “valor”, pelos múltiplos sentidos que se possa dar, aqui se utilizará a que foi proposta por MENESES (2009) que designa valor cultural como sendo composto pelos componentes: valores cognitivos, formais, afetivos, pragmáticos e éticos. Todavia, o autor complementa que “tais componentes não existem isolados, agrupam-se de forma variada, produzindo combinações, recombinações, superposições, hierarquias diversas, transformações e conflitos” (p.35-38).

patrimônios, devem ser preservados para o usufruto de todos os cidadãos” (FERREIRA, 2014). Segundo a Constituição Federal de 1988, artigo 216, constituem patrimônio cultural “os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjuntos, portadores de referência à identidade, à nação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988).

Pela Constituição Federal brasileira, estão incluídos ao patrimônio cultural também os bens de natureza imaterial, porém esses têm como suporte vetores materiais para o patrimônio material, uma vez que também apresenta uma dimensão imaterial que permite realizar, ou seja, a imaterialidade só pode se expressar por meio de materialidade (IPHAN, 2000).

Com base nesse pressuposto, falar e cuidar de bens culturais é tratar de coisas ou práticas cujas propriedades derivam de sua natureza material e que são seletivamente, no que concerne aos bens culturais, mobilizados pelas sociedades, grupos sociais, comunidades, para socializar, operar e fazer agir suas ideias, crenças, afetos, significados e valores (MENESES, 2009). Vale lembrar que, segundo o autor, somente o fetiche tem em si, por sua autonomia e sua significação, fora dele, a matriz desses sentidos, significações e valores que não estão mais em si, mas em práticas sociais. Da mesma forma, os objetos por si não possuem história, mas a sua relação com a sociedade em seu tempo e espaço são cheios de sentido e história. Por isso, os bens devem ser contextualizados para que se obtenha seu verdadeiro significado.

Os traços materialmente inscritos nos artefatos orientam leituras que permite *inferências* diretas e imediatas sobre um sem-número de esferas de fenômenos. Assim, a matéria-prima, seu processamento e técnicas de fabricação, bem como a morfologia do artefato, os sinais de uso, os indícios de diversas durações, e assim por diante, selam, no objeto, informações materialmente observáveis sobre a natureza e propriedade dos materiais, a especificidade do saber-fazer envolvido e da divisão técnica do trabalho e suas condições operacionais essenciais, os aspectos funcionais semânticos – base empírica que justifica a inferência de dados essenciais sobre a organização econômica, social e simbólica da existência social e histórica do objeto (MENESES, 1998, p.91)

Vale lembrar que o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) classifica o patrimônio cultural em **Patrimônio Material**, que são as edificações os objetos de arte, objetos de uso cotidiano, bens arqueológicos entre outros, “são bens palpáveis”. Enquanto que **Patrimônio Imaterial** diz respeito às festas, folguedos, lendas, culinária, modo de fazer, etc. São bens culturais que não têm existência material.

É importante superar a dicotomia patrimônio material e patrimônio imaterial. Eles não se contrapõem, há na verdade interdependência e complementaridade entre os dois. Para que haja qualquer forma de comunicação, é imprescindível suporte físico, já que os bens necessitam dos valores e dos elementos contextuais que o imaterial atribui aos referidos bens.

Segundo Bortoncello (2010, p.38), o patrimônio cultural traz diversos aspectos positivos para a sociedade, entre eles estão o fato de permitir o conhecimento e o desfrute do patrimônio por parte de turistas, permitindo assim a valorização do espaço. Possibilitar a obtenção de recursos (materiais simbólicos) para a preservação desse patrimônio é outro aspecto e proporcionar à sociedade a possibilidade de beneficiar-se com as atividades econômicas do turismo, obtendo benefício extra de seu patrimônio.

Nesse sentido, como atribuir valor a um patrimônio? E quem atribui esse valor? No Decreto Lei 25, da Constituição Federal de 1937, seriam considerados patrimônios culturais apenas aqueles que estivessem escritos num dos quatro Livros do Tombo⁵. Desta forma, somente os bens tombados fariam parte do patrimônio cultural, ou seja, os criados pelo poder público. A Constituição de 1988 passa a considerar os registros de patrimônio imaterial como um fato social criado pela sociedade. Ao domínio público cabe, agora, o poder declaratório e de proteção, juntamente com a comunidade, uma vez que foi ela quem atribuiu valor (MENESES, 2009).

No Brasil, a partir de 2000, instituiu-se o inventário e o registro do patrimônio cultural imaterial ou intangível através do Decreto N°

⁵ Livro onde são inscritos os bens culturais em função do seu valor histórico, arqueológico, etnográfico, paisagístico e artístico. É formado pelo conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no Brasil e cuja conservação seja de interesse público por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil (Iphan, 2000).

3.551, de 04 de agosto, daquele ano e, em Santa Catarina, com o Decreto Nº 2,504, de 29 de setembro, de 2004.

O patrimônio público material e imaterial deve estar vinculado à sociedade e aquilo a que ela se identifica para que haja apropriação e usos do território em que se vive. Neste sentido, Gonçalves (2007) faz uso da expressão “ressonância” para se referir ao poder de um objeto quando esse atinge um universo mais amplo, podendo evocar no expectador forças culturais complexas e dinâmicas. Para o autor, o indivíduo torna-se, além de expectador, representante. Portanto, “os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público” (GONÇALVES, 2007, p.19).

O que une a sociedade aos “seus” patrimônios culturais é a memória, esta que se mantém e/ou se refaz com o passar dos tempos. Gonçalves (2007) alerta para o fato de que o processo de eliminação de ambiguidades⁶ e a precariedade dos patrimônios culturais podem colocar em risco seu poder de ressonância. Supõe-se, desse modo, que a “criação” de uma identidade para um lugar, direcionado por interesses econômicos, assumindo a cultura local como base açoriana, ocorre também no município de Sombrio, e esse fato pode colocar em risco o poder de ressonância dos patrimônios ali presentes.

É importante salientar também o caráter dinâmico do patrimônio imaterial que, ao ser transmitido de geração para geração, é constantemente recriado, gerando sentimento de identidade e de continuidade. A incorporação de valores simbólicos e imateriais traz para o âmbito patrimonial um caráter subjetivo e abrangente que envolve ideias relativas a concepções de desenvolvimento e democratização da cultura.

A finalidade não é apenas garantir às diferentes camadas e grupos sociais, o acesso a informações e instrumentos culturais, com visões homogêneas e etnocêntricas de desenvolvimento. Ao contrário, trata-se da importância de reconhecê-los também como produtores de expressões culturais próprias (CASTRO et al., 2008). Igualmente, evidenciam-se significativas ressonâncias de um amplo debate contemporâneo a respeito do multiculturalismo, no qual transparece o interesse pela construção de sociedades mais plurais e inclusivas, em que o reconhecimento da diferença cultural associa-se a políticas

⁶ Substituição de categorias sensíveis, ambíguas e precárias (por exemplo, cheiro, paladar, tato, audição) por categorias abstratas e com fronteiras nitidamente delimitadas.

públicas. Essa tendência aponta para uma mudança de foco nas políticas de preservação, quando as mesmas passam a enfatizar a importância instrumental do patrimônio para a sobrevivência de cada povo, para a sua reprodução social.

Com base nesse pressuposto, analisar os patrimônios culturais articulados aos conceitos geográficos oferece uma oportunidade de compreensão de como a sociedade constrói o espaço fazendo uso do território e, principalmente, a relação com outros níveis de escala e fatos ocorridos em outros lugares que influenciam a construção do espaço local. Definir a cultura para Sombrio como de base açoriana, é o que vem sendo difundida desde a década de 1990, limitando a compreensão da dinâmica territorial e simplifica amplamente as relações sócioespaciais presentes nesse lugar. Consequentemente, pode criar fetiches nas abordagens de conteúdo em processos ensino-aprendizagens e perspectivas de formação do cidadão.

2.3 OUTROS CONCEITOS GEOGRÁFICOS NA ESCOLA PARA COMPREENSÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PELO USO DO TERRITÓRIO.

Por meio da análise geográfica, será possível compreender a paisagem atual, sendo esse resultado das relações que compreendem sociedade e natureza, evidenciando ou desvendando as diferenças existentes entre lugares e pessoas, proporcionando a compreensão dos diferentes estágios de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção que estão materializadas no espaço.

Segundo Azambuja (2010), a finalidade da Geografia, hoje, está em ir além da descrição dos lugares e produzir uma interpretação sobre o que esses representam enquanto momentos da totalidade social. Significa, portanto, que “os lugares ou os conjuntos de fatos geográficos existentes em cada espaço e tempo compõem a complexidade socioespacial a ser analisada, contextualizada” (AZAMBUJA, 2010). Evidenciando, assim, que a análise geográfica deve ir além da descrição, ou seja, deve contemplar a compreensão da totalidade que a envolve, já que a Geografia não estuda os elementos ou fatos isoladamente, mas as associações ou os complexos geográficos, observando a

indissociabilidade dos objetos e das ações como propõe Milton Santos (2012) ao definir espaço geográfico.

A Geografia como ciência ou como disciplina escolar, ao longo de sua história, produziu conceitos-chave, no que diz respeito ao seu escopo teórico. E o espaço foi primeiramente tido como “centro” na epistemologia de todas as formulações pertinentes aos discursos geográficos que deram origem a outros conceitos e constituíram-se em “linguagem geográfica”, tornando-se requisitos para a análise dos fenômenos do ponto de vista geográfico. Portanto, nesta parte da dissertação, serão expostas formulações de alguns conceitos da Geografia no campo científico, ressaltando que tais conceitos compõem um sistema conceitual mais amplo na estruturação do raciocínio geográfico e que devem ser consideradas as suas inter-relações.

O Espaço Geográfico, segundo Santos (2012, p.63) pode ser definido “por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistema de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um conjunto único no qual a história se dá.” Como afirma o autor, as ações resultam das necessidades humanas que podem ser materiais, imateriais, econômicas, sociais, culturais, morais, afetivas. Essas necessidades impulsiona o homem a agir/reagir, criando e usando objetos geográficos, produzindo territorializações.

Santos (2012), ao afirmar que o sistema de objeto e sistema de ação se tornam um conjunto indissociável, sugere que eles interagem, uma vez que o primeiro condiciona a maneira como se dão as ações. O sistema de ações se realiza sobre objetos existentes ou leva à criação de novos objetos em que o espaço se transforma e cria sua dinâmica. Para Machado (2000, p. 17):

Nesse processo, acontece a interdependência de elementos, que se manifestam sob as mais variadas dimensões para a geografia e ciências afins, recortadas em escalas de abordagens de lugar, de região, da nação e do mundo. O movimento gera uma “totalização”, contínua e incessante, encadeada conforme a dinâmica dos fenômenos.

A organização espacial se dá a partir da junção de eventos e lugares, nesta articulação dialética entre sistemas de objetos e sistemas

de ação processam as diferenciações no espaço, pois os eventos processar-se-ão de forma diferenciada, conforme as características dos lugares em relação a uma temporalidade.

A formação do espaço se dá a partir de como o modo de produção existe na sociedade. É através dele que os homens expressam suas necessidades e interagem com o meio, transformando o território em espaço, pela criação de seus objetos e usos concomitantes, através do trabalho. Machado (2000) diz que essas relações geram processo contínuo de mudança, a produção de uma organização espacial reflete o próprio fato social. Esta dinâmica é imprimida pelos *sistemas de objetos* e pelos *sistemas de ações* pela estreita relação que os lugares têm uns com os outros, pois “o lugar é para o espaço geográfico o ponto de interconexão e articulação com o mundo” (MACHADO, 2000).

Como foi mencionado, o espaço construído é resultado da história das pessoas que ali vivem em grupos e a forma como trabalham e se relacionam com o “todo”, como produzem, como usufruem, como se alimentam e nele são refletidos os efeitos da totalidade e do tempo. Para compreender o lugar é necessário conhecer a história e conseguir entender as coisas que acontecem ali e também o que acontece em outras escalas e geram efeitos no lugar. Por isso os elementos desse são contraditórios, pois são repletos de história e não são isolados ou independentes. “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local convivendo dialeticamente” (SANTOS, 1996, p.273). A todo o momento é possível perceber a presença do mundo na vida das pessoas. No entanto, nesse contexto de relações, cada lugar se configura de diferentes formas e reage, a seu modo, aos impactos da globalização, impondo transformações no mundo do trabalho, imprimindo ali sua lógica centrada em produtos que a ciência e o mercado capitalista dinamizaram, difundindo padrões de desenvolvimento e criando condições para que haja a acumulação capitalista (MACHADO, 2000).

Vale ressaltar que lugar é o habitual da vida cotidiana em que se concretizam relações e processos globais porque ele se produz na relação do mundial com o local. O mais interessante é que ao mesmo tempo em que o lugar é possibilidade de manifestação do global, é também de realização de resistências à globalização (CAVALCANTI, 2008, p.18).

No que compreende a escala de lugar, para ser trabalhada nas aulas de Geografia, deve-se dar atenção à compreensão de como as atividades econômicas, as suas estruturas sociais mais amplas têm se

efetivado: agentes, mediações, especificidades, ou seja, a “guerra dos lugares”, essa expressão utilizada por Milton Santos para designar a competitividade existente nos lugares decorrente da atração da produção (atração de empresas que saem de alguns lugares para se instalarem em outros), e também pela atração de consumidores, através da criação de um centro cultural, de uma paisagem urbana ou regional agradável e outros artifícios (SANTOS, 2012). Nesse caso, as atividades escolhidas são importantes, uma vez que delas dependem a competitividade dos lugares, assim, na

[...] medida em que as possibilidades dos lugares são hoje mais facilmente conhecidas na escala do mundo, sua escolha para o exercício dessa ou daquela atividade torna-se mais precisa. Disso, aliás, depende o sucesso dos empresários. É deste modo que os lugares se tornam competitivos. O dogma da competitividade não se impõe apenas à economia, mas, também à geografia (SANTOS, 2012, p.249).

Há também o interesse em explicar os elementos que dão identidade ao lugar e às pessoas que nele vivem, isto é, a força do lugar. Ainda, interessa estudar a autonomia, mesmo que relativa, dos lugares, elementos que permanecem e persistem nos interstícios do espaço banal (espaço do cotidiano) (SANTOS, 2012).

Frente a essa perspectiva, nas aulas de Geografia, para o lugar Sombrio, faz-se necessário não apenas descrever os aspectos presentes no território (urbano e/ou rural), mas também aprofundar a compreensão das relações sociais, políticas e econômicas que se fazem presentes e de que forma estas forças constroem e reconstróem o espaço. Torna-se necessário então analisar as características que compõem os elementos que dão identidade ao lugar para que os alunos conheçam o espaço e se reconheçam como parte dele.

Para Callai, 2000 (p.120), “a identidade de um lugar é inequívoca”. Assim, afirma-se que a natureza da identidade de um lugar é construção das pessoas que ali convivem e produzem um espaço com características próprias, com suas marcas e diferenciações internas. A identidade é, portanto, um elemento importante do conceito de lugar. Seu aparecimento é resultado da interação de elementos: indivíduo e lugares, como formas de vida e como modos de expressão. Implica um sentimento de pertinência com o qual um indivíduo vai se identificando,

vai construindo familiaridade, afetividade, seja um bairro, um estado, uma área (CAVALCANTI, 2008, p.50).

Para estudar a identidade de um lugar, deve-se considerar que as relações entre as pessoas e os lugares apresentam muitas contradições e conflitos, já que não há homogeneidade, então, a diferença é outro ponto a ser considerado. Os espaços são seletivos e podem, ao mesmo tempo, acolher e excluir as pessoas, dependendo das relações econômicas, da cultura, do acesso aos bens produzidos socialmente (muitas vezes particularizados) (CALLAI, 2000, p.119).

Os laços locais são significativamente culturais, pois demonstram a vida, as formas de fazer as coisas, de tratar a natureza, de construir espaços. “A cultura que mais interessa aos geógrafos é, portanto, a constituída pelo conjunto de artefatos, do saber-fazer e dos conhecimentos pelos quais os homens intermedeiam suas relações com o meio natural (CLAVAL, 2014, p.20)”.

A cultura torna-se, portanto, fundamental na compreensão dos lugares. Por outro lado, se não existe uma ligação cultural, as pessoas não se identificam com a cultura difundida. O lugar passa, então, a não ter significado e não ter sentido para as pessoas que ali vivem, pois perdem o interesse pelo lugar, buscando conexões importantes com outros lugares. Esses espaços desprovidos de cultura legítima são por vezes reconhecidos por “não-lugares” que:

[...] em face destas áreas onde só se leem geometrias frias, os grupos encontram-se esvaziados de conteúdo. Eles não conseguem se enraizar no território para construir suas identidades. Os não-lugares engendram sociedades em vias de desculturação (CLAVAL, 1999, p. 323).

Com base no que foi mencionado acima, para o autor, reconhecer a cultura do lugar significa perceber a história dele, as origens das pessoas que ali vivem e as verdades e valores que pautam as relações entre elas.

Cavalcanti (2008), em suas experiências com atividades de ensino da geografia, revela que para os alunos são os elementos afetivos, como vizinhança, segurança, liberdade, jogos, violência, perigo que dão significado aos lugares. Para a autora, é necessário que se invista na ampliação desses significados associados às experiências dos alunos, no que compreende o conhecimento de elementos da realidade objetiva e

global. Portanto, é necessário estudar outros lugares para compará-los a seu próprio lugar, diferenciando o “global” de cada lugar para que haja, conforme a autora, um avanço na compreensão dos lugares vividos.

As marcas presente no espaço são reflexos da cultura do lugar, do trabalho executado pelas pessoas que ali vivem. Portanto, o conceito de paisagem torna-se imprescindível para o ensino da geografia e para esta pesquisa.

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (...) A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão (SANTOS, 1988, p.61-62).

Segundo o autor, o espaço é construído no decorrer do tempo de vida das pessoas. O tipo de relação estabelecida em sociedade e a relação com a natureza, com a paisagem seria o resultado desse processo de construção. Assim, através da paisagem, pode-se analisar as marcas da sociedade e o que ela representa. Apreender a paisagem significa buscar explicações àquilo que dela faz parte. Mesmo que a paisagem seja única, o modo como ela é apreendida é diferente, pois precisa ser analisada além daquilo que é visível e observável.

Através da paisagem é possível compreender a realidade. Claval afirma que “as paisagens trazem a marca das culturas e ao mesmo tempo as influenciam” (2014, p.323). Compreende-se, então, que elas se formam à medida que os homens vão vivendo e produzindo as suas vidas, muitas vezes na vida particular. Por isso, é carregada de valor afetivo, um sentido estético capaz de marcar a identidade do lugar no imaginário das pessoas (CALLAI, 2000, p.98).

Atribui-se à paisagem um sentido humano, cultural. Santos (1988, p.65), da mesma forma que Claval, refere-se à paisagem como “... um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais que é formado por fração de ambas” (1988, p.65). Com base nesse pressuposto, a paisagem tem formas artificiais, ou seja, o espaço natural modificado pelo homem. Obviamente ainda existem lugares que são basicamente naturais, que mantêm a vegetação nativa e o equilíbrio ambiental. Contudo, ainda assim as paisagens não poderiam ser caracterizadas unicamente como paisagem natural, já que, de alguma forma, houve interferência humana, causando modificações àquele lugar.

A paisagem congrega formas criadas em momentos históricos diferentes, que coexistem no momento atual, dando uma hibridização peculiar a cada espaço. Se considerada em si mesma, é apenas uma abstração, apesar de concreta, porém é possível desvendá-la, buscando informações na história, no intuito de contextualizá-la, no que concerne ao espaço social.

Por isso, desvendar a paisagem através do processo histórico e da importância que desempenha na atualidade, possibilitará a leitura do lugar. O processo histórico é fundamental para se obter a memória das cidades e através dela pode-se conhecer o modo de vida das pessoas, como elas interagiam no espaço, compondo o que hoje é o patrimônio material e imaterial nas cidades.

A memória urbana refere-se ao estoque de lembranças do modo de vida urbano, sem obrigação de relacioná-la a uma base material particular, a um lugar específico. Já, a memória da cidade referencia a mesma lembrança a uma base material precisa, a um determinado lugar (ABREU, 1998).

Os conceitos referentes à cidade e ao espaço urbano trabalhados nas aulas de Geografia, por vezes, são citados como sinônimos. Santos (1988) e Lefebvre (1991) fazem distinção entre os conceitos. Para esses autores, a cidade é a forma, é a materialização de determinadas relações sociais, enquanto que o espaço urbano é o conteúdo, são as próprias relações sociais que se materializam no espaço. Entretanto, entre as duas categorias há uma relação de interdependência, pois, em uma análise dialética não se pode fazer a separação absoluta entre forma e conteúdo. Para Cavalcanti, 2008, p.68, “a cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações; contudo, ela expressa esse espaço como lugar de existência das pessoas e não como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado”.

Um aspecto a ser discutido no estudo da cidade e do espaço urbano diz respeito à produção do espaço urbano. Segundo Cavalcanti (2008), falar em produção do espaço é falar desse espaço como componente da produção social em geral, que tem dinâmica e lógica próprias. O mesmo não ocorre quando se menciona organização, já que essa ressalta a forma e o aspecto técnicos, pois destaca a exterioridade e a neutralidade diante do modo de produção da sociedade.

Compreender e explicar a produção do espaço urbano implica compreender e analisar a cidade, no que diz respeito à forma, porque ela expressa um modo de vida que vai além do modo de produção. Ou seja,

compreende todas as esferas da vida social: cultural, simbólica, psicológica, ambiental e educacional.

Pensar na produção do espaço urbano, no conjunto da produção social, é pensar seu movimento dialético e contraditório. Ao analisar o espaço pela ótica capitalista, percebe-se uma lógica fundamentada na necessidade de aglomeração que tem o capital e também a necessidade de ocultar contradições sociais. Segundo Cavalcanti (2008), esse aspecto produz lugares distintos, de diferentes classes, de diferentes grupos.

É premente compreender a cidade e o espaço urbano através de um eixo temático de análise: cidade, cidadania e cultura. Desta forma, é necessário analisar a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz culturas, ou seja, o modo de vida materializado no cotidiano.

Nessa perspectiva, é possível afirmar que a esfera cultural na contemporaneidade abarca o fenômeno da globalização da sociedade, pois:

Um exemplo é a cultura. Um esquema grosseiro, a partir de uma classificação arbitrária, mostraria em toda parte, a presença e a influência de uma cultura de massas buscando homogeneizar e impor-se sobre a cultura popular. Um primeiro movimento é resultado de empenho vertical unificador, homogeneizador, conduzido por um mercado cego, indiferente às heranças e às realidades atuais dos lugares e das sociedades (SANTOS, 2000, p.143).

Assim a cultura de massa homogeneizadora tende a se sobrepor à cultura popular, por força do capitalismo e do mercado, tornando-se indispensável ao reino do mercado e à expansão das formas de globalização econômica, financeira, técnica e cultural (SANTOS, 2000). No entanto, dependendo do lugar e da sociedade, é mais ou menos eficaz, jamais completa, pois encontra a resistência da cultura preexistente.

Partindo deste pressuposto, o reconhecimento da diversidade cultural presente em Sombrio é uma forma de compreender como se constrói aquele espaço e, conseqüentemente, entender as marcas que ali estão, na forma material das paisagens.

A cidade, segundo Cavalcanti (2008), é historicamente construída e reconstruída e, entre suas origens está a “festa”, o encontro de pessoas. Nesse contexto, Lefebvre (1991) remete à ideia de que a obra (a cidade) dá lugar ao produto (produção de mercadorias), referindo-se ao processo

de globalização de mercado. É possível, então, afirmar que o movimento social é contraditório, conflituoso e faz com que a realidade adquira contornos que resultam dessa contradição.

A cidade, à medida que atende às demandas de uma sociedade global, atende também aos diferentes sujeitos e os diferentes grupos humanos, estes acabam realizando comportamentos diversos ao viver na cidade. Para Cavalcanti, (2008, p.114), “a cidade é, pois, um espaço multicultural, é o lugar da copresença, da coexistência”.

A diversidade cultural na cidade se apresenta de maneiras diferentes. Cavalcanti (2008) aponta para a necessidade de analisar, de forma mais concreta, a formação de identidades, que é composta por subjetividades complexas e dialéticas.

Partindo desse pressuposto, pretende-se reafirmar um projeto de cidade que em suas diferenças garanta que a população usufrua dela, ou seja, que as pessoas tenham direito à cidade (LEFEBVRE,1991) em seu dia a dia.

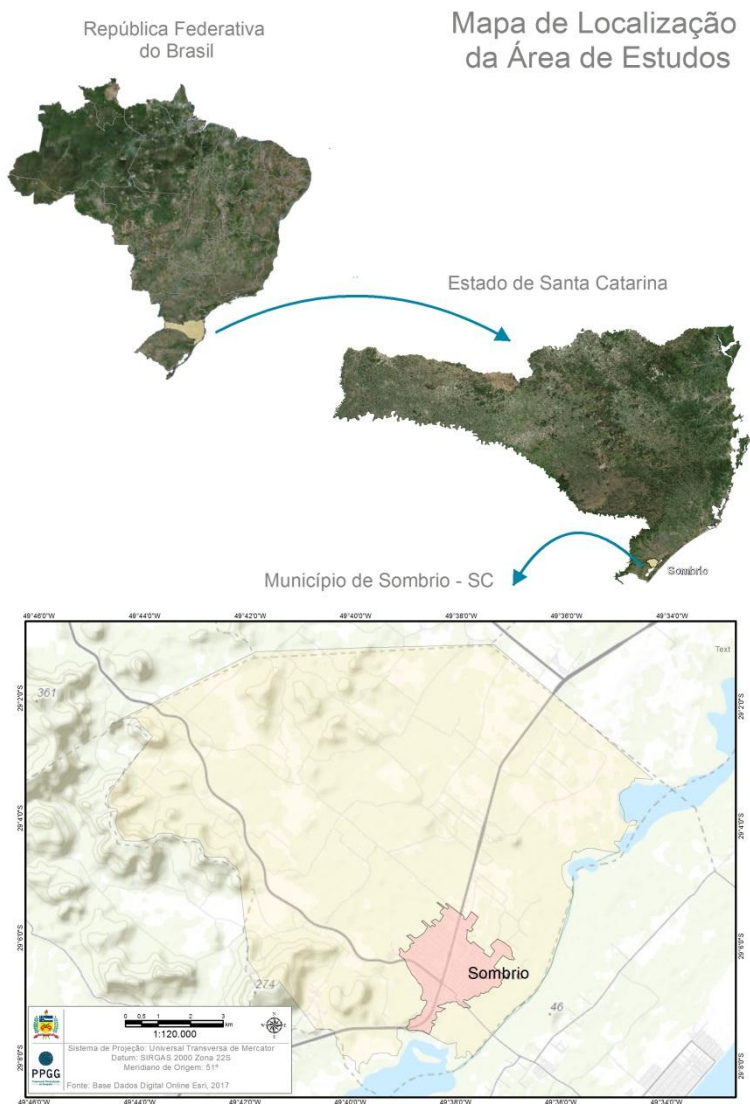
3 APRESENTANDO SOMBRIO: ASPECTOS DA FORMAÇÃO E USO DO TERRITÓRIO À LUZ DE ABORDAGENS LUSO-AÇORIANAS.

Nesta seção serão feitas reflexões acerca de como é usado o território do Município de Sombrio e sua relação em escalas superiores como estado, país e mundo, dentro de um processo de globalização, que se relaciona com as abordagens de cultura luso-açorianas, presentes no cotidiano da sociedade para poder compreender a repercussão e reflexos nas discussões e práticas de ensino aprendizagem.

3.1 MUNICÍPIO DE SOMBRIO: ASPECTOS DO TERRITÓRIO E SUA DINÂMICA SÓCIOESPACIAL.

Sombrio é um dos quinze municípios que pertencem à Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense⁷ (AMESC), incrustado às margens da BR 101, fazendo limite ao sul, com Santa Rosa do Sul; ao norte com Araranguá e Ermo; ao oeste com Jacinto Machado e ao leste com Balneário Gaivota (Mapa 1). Fica a 30 km da fronteira do Rio Grande do Sul e a 245 km de Florianópolis. Possui uma área de 143,3 km², onde residem 26. 613 habitantes, segundo Censo 2010 (IBGE, 2015).

⁷ A AMESC é formada pelos municípios: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, São João do Sul, Sombrio, Turvo e Timbé do Sul.



Mapa 1 – Localização da Área de Estudos, elaborado pela autora com apoio no desenho cartográfico de Giovanni Colossi Scotton.

A ocupação original, na região em que hoje está localizado o município de Sombrio, foi efetivada por índios carijós da família Tupi-Guarani, ocupando toda a extensão do litoral catarinense. Segundo SILVA (1997, p.31), a apropriação dos recursos naturais pelos Carijós ocorreu de forma comunal através do cultivo do milho, mandioca, amendoim, algodão, pimenta e fumo, também praticavam a caça, a pesca e a coleta. Centenas de índios que habitaram as margens do Rio Mampituba (SILVA, 1997) formaram uma grande aldeia. Segundo Reitz (1947), eram “relativamente mansos” e como mantinham relações comerciais com os navegantes e com os paulistas, os índios foram facilmente evangelizados pelos jesuítas. Com o objetivo de domesticação dos indígenas⁸, passaram a organizar as aldeias de forma diferente. Deste modo, os índios foram reunidos em um só lugar. Reitz (1947) afirma que a área “civilizatória” era incerta, mas se aproximava de um local sobre os limites do estado do Rio Grande do Sul e do estado de Santa Catarina, envolvendo a extremidade sul da Paróquia de Sombrio.

Pode-se afirmar que a formação socioespacial de Sombrio iniciou-se como uma área densamente povoada por índios carijós que foram reunidos ali com o objetivo de domesticação, para posteriormente serem encaminhados aos locais de comercialização de escravos (SILVA, 1997).

As repercussões trazidas pelo processo civilizatório foram a disputa política envolvendo portugueses e espanhóis pela área meridional da formação social brasileira. Os portugueses procuraram se organizar, povoando tanto a região litorânea quanto a do planalto, protegendo a área da invasão dos espanhóis. Do mesmo modo, estabeleceram fortificações, grandes manufaturas para a produção dos derivados da baleia, estabelecimentos de produção agrícolas e pesqueiros. Essa colonização foi constituída principalmente por casais açorianos que se propagaram até a localidade de Porto dos Casais, hoje, Porto Alegre (SILVA, 1997).

Em 1728, abriu-se uma via de comunicação entre Morro dos Conventos – Araranguá e Planalto de Lages, com destino a São Paulo. Esta importante rota era uma travessia que se iniciava em Viamão,

⁸ É importante destacar que o objetivo da domesticação indígena estava ligada ao interesse dos chefes das aldeias em comercializar os índios pertencentes às próprias tribos e inclusive seus parentes com os escravocratas de São Vicente e São Paulo (REITZ, 1947).

passava por Vacaria (RS), Sombrio (SC), Araranguá (SC) e todo planalto catarinense, chegando aos campos de Curitiba com destino à feira de Sorocaba em São Paulo (Santa Catarina, 1980).

Sombrio, por conseguinte, serviu de pouso para tropeiros e para pastagem de gado, utilizando-se da sesmária Rodrigues que passou a ser chamada de Sanga Rodrigues, depois de Invernada e posteriormente de Curralinhos. Convém salientar que os tropeiros não só passavam com a boiada, mas também, negociavam o que era útil aos colonos, como bois para as carretas, vacas leiteiras, cavalos para as carroças, ovos e outros produtos que os colonos ali estabelecidos produziam (PEREIRA, 1972).

Durante o século XIX, o Brasil deixou de ser colônia portuguesa. Com a soberania de seu território, passou a ter mais autonomia em suas decisões político-governamentais. Segundo Rangel (1986), os senhores de escravos e comerciantes, principalmente os comerciantes, eram dissidentes do capital mercantil português. Essas classes tiveram apoio, sobretudo dos capitais industriais ingleses que tinham como objetivo a manutenção do fornecimento de matéria-prima e do mercado consumidor dos produtos manufaturados e industriais. No plano interno, procuraram desenvolver um processo de substituição de importação no interior das fazendas cujas relações sociais escravistas estavam presente (RANGEL, 1986).

Essa configuração pode ser percebida igualmente em Sombrio, que em 1830 recebeu João José Guimarães⁹, filho de imigrantes portugueses (a mãe nasceu em Açores e o pai no continente), requerente de terras em Sesmarias e instalou-se onde hoje é Sombrio, juntamente com sua família e escravos de sua propriedade. Nesta grande área, que compreende desde o Sertão¹⁰ até a zona da sede do município de Sombrio, teve início o plantio de cana-de-açúcar e de mandioca, para posterior produção de cachaça e farinha (PEREIRA, 1972).

Após a vinda de João José Guimarães, novos povoadores, chegaram aqui, no decorrer do século XX, não apenas descendentes luso-açorianos, mas italianos e alemães, provenientes de comunidades gaúchas junto à fronteira de Santa Catarina e da Região de Criciúma. Os imigrantes foram atraídos pela disponibilidade de terras a preços baixos.

⁹ João José Guimarães foi o primeiro habitante de origem portuguesa que residiu no local onde hoje é Sombrio, veio com a família (esposa, filhos) e dois escravos (BELTRÃO, 2001).

¹⁰ Sertão equivale, hoje, ao município de São João do Sul, antes chamado Passo Sertão, pertencente, na época, ao município de Sombrio.

Em 1954, quando a área territorial do Município de Sombrio englobava os atuais municípios de Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Passo de Torres, Praia Grande e Balneário Gaivota¹¹ constatou-se “a presença de troncos familiares ítalo-germânicos e luso-açoriano por todo território municipal, fixados como “bens de raiz”, ou seja, propriedades” (FARIAS, 2000).

Mais tarde, Manoel Rodrigues e Luciano Rodrigues compraram terras de sesmarias, 324 km² de terras, com frente para o litoral, margeando o Rio Mampituba até Arroio Grande (Pereira, 1972). Ao lado das terras de grandes produtores, como os citados, Sombrio era ocupado por pequenos produtores autônomos que tinham como base o trabalho familiar e produziam com diversidade para consumo próprio e também para o comércio como a aguardente. O transporte desses produtos era realizado através das Lagoas, como afirma Reitz:

Antigamente os lavradores dos arredores de Sombrio transportavam sua produção para ser vendida em torres ou em Porto Alegre, por esta via fluvial, e faziam-no em canoas. Para produzir a aguardente fabricada, lançavam às águas da Lagoa os barris, e por meio de varas de suas canoas os impeliam para o varadouro, como faziam as balsas de madeira, e por ele abaixo iam ter ao Mampituba, donde os carros de bois os transportavam ao ponto desejado” (REITZ, 1947, p.114)

Os produtores exerciam também um pequeno comércio com Laguna, comercializavam, sobretudo com produtos como a farinha de mandioca, que era vendida ali e transportada para o Rio de Janeiro. A farinha de mandioca, produzida no extremo sul de Santa Catarina, assim como em todo litoral catarinense, era beneficiada em pequenas propriedades e tinha grande importância econômica local e nas conexões que fazia, já que abastecia o mercado nacional a partir da província do Rio de Janeiro. Outra razão, ainda, era o fato da farinha fazer parte da alimentação principal das tropas militares.

¹¹ Os municípios citados se emanciparam gradativamente. Praia Grande emancipou em 1958, São João do Sul em 1960, Santa Rosa do Sul em 1988, Passo de Torres em 1993 e Balneário Gaivota em 1995.

Parte desses elementos no contexto nacional de comercialização, segundo Rangel (1981), a formação social articulava-se externamente como fornecedora de produtos primários obtidos em grandes propriedades com o uso de mão de obra escrava para as sociedades industriais emergentes no centro do capitalismo. Internamente, o abastecimento do mercado com pequenas unidades autônomas baseadas no trabalho familiar e, nesse último, encaixa-se o extremo sul de Santa Catarina onde, conseqüentemente, o atual município de Sombrio se insere ainda sob a condição de território pertencente a Araranguá.

Gradativamente, a pequena produção mercantil foi prejudicada pelo constante recrutamento militar, reduzindo as possibilidades de produção pela diminuição das forças de trabalho, com o embargo de gêneros para alimentar as tropas e o não pagamento dos gêneros fornecidos aos armazéns reais. A sucessão das terras por meio de herança, repartindo-a entre os filhos, gerou a fragmentação de propriedades, utilizando-as de forma intensiva e possibilitando significativa queda da produtividade (CAMPOS,1991). As terras pertencentes aos pioneiros João José Guimarães, Manuel e Luciano Rodrigues foram, ao longo das décadas, fragmentadas por divisão entre descendentes ou por venda. Segundo Pereira (1972) parte destas glebas foram vendidas às famílias luso-açorianas, vindas do Rio Grande do Sul, como as famílias Coelho, Clezar, Barbosa e Barcelos.

Posterior à chegada de luso-açorianos ao extremo sul catarinense, foi a vez dos colonos alemães e italianos ocuparem a região. Esses eram provenientes de centros coloniais do Rio Grande do Sul e do próprio estado de Santa Catarina, resultando, portanto, no processo de migração em parte interna, já que o destino original ao saírem da Itália e Alemanha não foi o extremo sul catarinense. Conforme Reitz (1947), os alemães vieram tanto do norte do estado de Santa Catarina como do estado do Rio Grande do Sul. As primeiras áreas de fixação dos descendentes de imigrantes europeus, no extremo sul de Santa Catarina, resultaram da vinda de alemães que ocuparam, em 1826, a região do atual município de Torres/ RS.

As famílias Magnus e Lummertz¹², fixaram-se na região de Passo Magnus (atualmente distrito de São João do Sul). Esses, vieram da região litorânea, hoje município de Torres, que na época, tinha

¹² Essas famílias, ali espalhadas, permaneceram e espalharam-se pelo município de São João do Sul.

grande importância por ser rota de passagem, entre o sul e norte do Brasil, no transporte de produtos agrícolas manufaturados, e, também por ser ponto estratégico, uma vez que ali estava localizado um presídio com as melhores instalações do litoral da Província de São Pedro (HOBOLD, 1994). Pela falta de apoio do governo imperial e da administração da Província e também pela eclosão da Revolução Farroupilha, parte dos habitantes foram para outras áreas gaúchas. Outros foram para o extremo sul catarinense, como foi o caso das famílias supracitadas. Juntamente com elas, outras famílias da mesma região, retiraram-se para outras áreas localizadas mais a oeste, como cita Pereira (1972) “nas clareiras dos sertões ao sul de Araranguá”, retiraram-se as famílias: Stuart, Emerich (atualmente Emerim por modificação de grafia), Evaldt, Kreuzberg (atualmente Krás Borges), Scheaffer, Raupp, Supp.

As famílias de alemães providas do norte do estado de Santa Catarina chegaram em etapas sucessivas, a partir da segunda metade do século XIX como os Hahn, Nagel, Stockler, Becker e Lucktemberg. Essas, além de dominar a produção agrícola, também possuíam conhecimentos em atividades manufatureiras, como a produção de tamancos e carroças e construção civil (HOBOLD, 1994).

A ocupação da região pelos italianos resultou da extensão das ocupações originais de Urussanga, Criciúma e Nova Veneza e chegam à área dos municípios de Turvo e Meleiro com a aquisição de glebas particulares e da ocupação de terras devolutas, em 1917. As primeiras famílias foram Rovaris e Nickele. A ocupação teve início nas comunidades rurais de Peroba e Tenente que, atualmente, fazem parte do município de Santa Rosa do Sul, Retiro da União, Garuva, Maracanã e Vista Alegre, pertencentes ao município de Sombrio. Esses agricultores eram pequenos produtores autônomos e dedicavam-se à produção de subsistência e de excedentes para a comercialização, que seguia pelas praças tradicionais existentes, como para Porto Alegre, via lacustre - fluvial e também via térrea, com carros de boi (BELTRÃO, 2001).

Farias (2000) utilizando-se de estudos de outros autores reforça que a identidade cultural dos sombrienses deu-se a partir da imigração dos italianos e alemães, em 1860, e a partir da chegada dos imigrantes açorianos, no século XX. Assim se manifesta:

Os ítalo-germânicos introduzidos a partir de 1860 vão ampliar esta presença, diversificando os padrões étnicos-culturais. Os imigrantes do século

XX trarão mais diversidade étnico-cultural e transformações, na maneira de ser e viver do sombriense (FARIAS, 2000, p.91).

Assim, o referido autor ressalta a importância à cultura europeia. A partir disso, percebe-se que a cultura indígena perdeu visibilidade, sendo por vezes excluída da base cultural sombriense. Desta forma, a contribuição indígena, para a base cultural do município, foi levada à extinção em decorrência do abandono dos padres jesuítas, em 1619, e em decorrência dos confrontos com brancos. Com base nessa hipótese, o autor exclui a contribuição dos indígenas na base cultural do município e no contexto brasileiro como um todo. No entanto, nas suas ponderações são citados mitos e lendas provenientes da cultura indígena que foram incorporados à cultura do povo de Sombrio (p.265). Em relação à culinária regional com composição dos pratos típicos, o autor também faz referência à contribuição dos indígenas, assim como a dos negros, alemães e italianos (p.275). Enfim, ao mesmo tempo em que o autor exclui os indígenas da base cultural de Sombrio em seus escritos, afirma que essa etnia também contribuiu para a formação cultural de Sombrio.

Farias também cita os troncos familiares por análise da lista eleitoral do Município de Sombrio no ano de 1934, evidenciando que se compõe em maior número de luso-açorianos, naquele período havia 78 eleitores, a partir daí, organizou-se uma relação de sobrenomes de famílias em que 38 são luso-açorianas, 39 italianas e 8 alemãs. Salienta que, pelo fato de muitas famílias luso-açorianas apresentarem o mesmo nome, os luso-açorianos representavam o dobro em relação às famílias ítalo-germânicas. Assim utiliza-se destes dados para comprovar que as famílias luso-açorianas em Sombrio apresentava-se em maior número, no entanto este fato nada se prova em relação aos aspectos culturais presentes na sociedade, já que esta vem recebendo influências no decorrer do período até os dias de hoje.

Os sobrenomes que estão presentes nas famílias de Sombrio, na atualidade, coincidem com a listagem de 1954. Todavia, foram acrescentados muitos novos nomes, resultado da forte migração de pessoas, provindos principalmente do Rio Grande do Sul, para a área urbana do município, a partir da década de 1970, quando ocorreu a industrialização da região.

Com relação à população afrodescendente, quase não há registros. Ao que aparece, era bastante expressiva, já que várias famílias possuíam escravos, inclusive o precursor João José Guimarães.

Tomando como base influências relacionadas à região de Araranguá, em 1866, essa era constituída por 3.376 homens livres e 907 escravos (FARIAS, 1998). Esses dados no mostram que 1/4 da população era escrava e que dentre os livres, poderia haver certa quantidade de negros libertos, que por diferentes circunstâncias ocupam as localidades que hoje estão fora da jurisdição de Sombrio.

Reitz (1947), ao descrever a composição étnica dos moradores da localidade de Peroba (pertencente ao município de Sombrio, por volta 1940), escreve: “A população do perímetro da capela é quase totalmente lusa, com exceção de 10 famílias ítalas e umas 30 de morenos de boa índole” (p.62).

A descrição do autor revela que a população afrodescendente era bastante significativa, já que a expressão “morenos” representa a presença negra na região e nos remete àquela etnia e suas descendências, ao sistema escravista, à ocupação de território, às formas de sobrevivência, às resistências, às migrações e à miscigenação. Quando autor quando menciona que são de “boa índole”, opção não adotada ao se referir às famílias lusas e italianas, dá a entender que ter “bom comportamento” não seria comum aos descendentes de negros, conotação generalizadas às famílias pobres e negras.

Em sua publicação Raulino Reitz constrói e reforça a imagem de que as terras da Freguesia do Araranguá (Sul de Santa Catarina) foram ocupadas por “populações brancas europeias”, ocultando as populações negras que viviam junto a seus senhores, desde os primeiros anos do século XIX.

A ideia de que a comunidade de Sombrio resultou do povoamento luso-açoriano, em processo iniciado na primeira metade do século XIX está presente nos escritos de Farias (1998). No século seguinte, manteve-se o fluxo de novos povoadores, principalmente na década de 1970, quando ocorreu uma intensa migração interna, promovida pelo desenvolvimento industrial, que caracterizou a sociedade sombriense como multicultural pela variedade de etnias existentes, contribuindo, portanto, para a formação cultural de Sombrio. Se por um lado alguns autores concordam com a multiculturalidade de Sombrio, outros salientam a cultura luso-açoriana como a base de identidade cultural de Sombrio. “A cultura tradicional de Sombrio, como a de todo litoral catarinense, é de base cultural açoriana cuja essência reflete a simplicidade, o orgulho, a religiosidade, o misticismo e o profundo respeito pelo homem e a natureza” (FARIAS, 1998).

3.2 DIMENSÕES DA CULTURA DE BASE LUSO-AÇORIANA NO LITORAL CATARINENSE: REPENSANDO PRÁTICAS SOCIO-CULTURAIS EM SOMBRIO.

O propósito desta seção é fazer uma abordagem sobre as origens da valorização da cultura açoriana, difundida mais especificamente no litoral catarinense, que reflete em Sombrio. A esse respeito, Ferreira (2006), em sua tese de doutoramento, relata que quando nasceu, em 1969, em Sambaqui, Distrito de Santo Antônio de Lisboa, ninguém se reconhecia como descendente de açoriano. O relato mencionado era reconhecidamente comum entre os habitantes do município de Sombrio. Minha avó (nascida no local) denominava-se “brasileira pura” ao mencionar sua origem para diferenciar da origem do marido, que era filho de italiano de nascimento.

Desde a vinda dos outros descendentes de imigrantes europeus, a cultura açoriana foi bastante esquecida, pois não tinha visibilidade e expressão, se comparados à cultura italiana e alemã. Esses imigrantes eram considerados mais engajados no processo de desenvolvimento econômico da época, apesar da economia da época ser movimentada pelas atividades desenvolvidas por descendentes luso-açorianos. Assim, muito da cultura açoriana se perdeu ou foi modificada. Tudo que restou foram resquícios de uma cultura que até então denominava-se “popular”, ou seja, uma mistura cultural que abrange índios, açorianos, negros, alemães e italianos.

Na classe popular, os descendentes de açorianos se viam basicamente como brasileiros, autodenominavam-se “brasileiros puros” ou “da terra”. Em nível de elites, poucas pessoas conheciam as suas origens, pois ninguém se preocupava com isso. Também havia uma memória negativa da colonização açoriana frente aos imigrantes italianos e alemães, considerados mais trabalhadores e empreendedores. Então, os açorianos eram vistos, estruturalmente, como preguiçosos e supersticiosos, fato que fez com que eles não buscassem estudar e cultivar suas raízes. Para LEAL:

Seja através do esquecimento, seja através desta ‘má memória’, os Açores ocuparam durante muito tempo um lugar relativamente discreto no modo como as pessoas e os coletivos tematizavam as

suas origens e a própria história do estado de Santa Catarina (2007, p.38).

Essa perspectiva perdurou até 1948 quando, naquele ano, foi organizado o 1º Congresso Catarinense de História, em Florianópolis, organizado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Esse Congresso, que visava “comemorar” os 200 anos da colonização açoriana de Santa Catarina, trouxe à tona a memória abordada durante o evento, tornando-a marco fundamental da redescoberta das raízes identitárias açorianas de Santa Catarina levando, inclusive, a um certo exagero com relação a estas reminiscências. Assim, “E a amnésia ou a ‘má memória’, que até então rodeavam o acontecimento, começam a ser substituídas por uma crescente hiperminésia açorianista, ou seja, um exagero na evocação das lembranças” (LEAL, 2007, p.40).

Anos subsequentes ao Congresso, prosseguiu um processo de redescoberta das raízes açorianas com intensa investigação etnográfica e histórica, que fomentaram publicações literárias relacionadas à colonização açoriana. As intensas atividades do período tiveram um abrandamento na década de 1960, pois com a criação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), alguns dos principais intelectuais envolvidos na “causa açoriana”, Oswaldo Cabral e Walter Piazza passaram a assumir funções importantes no lançamento da nova universidade (LEAL, 2007).

No final da década de 1970 e no decorrer da década de 1980, com o apoio da UFSC, houve uma retomada nas atividades do movimento açorianista e, a partir daí surge o NEA (Núcleo de Estudos Açorianos). Figura de destaque foi Franklin Cascaes, que atuou de forma intensa no tocante às pesquisas de tradições locais de origem açoriana, na área da literatura com contos, causos, superstições, crenças, desenhos de nanquin e esculturas de barro (LEAL, 2007). Esse personagem passou a figurar como legítimo representante dessa redescoberta identitária, que logo alçou aportes oficiais para sua perpetuação na vida florianopolitana e institucionalizada como o nome que empresta à fundação cultural daquele município. Em seu nome, muito tem sido atribuído às bases representativas da tal “açorianidade” de Florianópolis, São José, e outras localidades da região. Mas, na verdade, passou a revelar também, conexões com negócios acadêmicos, culturais e turísticos.

Ano após ano, depois do Congresso, a redescoberta das “raízes açorianas” prosseguiu e foi atingindo não só a capital como também o litoral de Santa Catarina, mas foi principalmente a partir de 1993, com o

trabalho do Núcleo de Estudos Açorianos (NEA), da UFSC, que a açorianidade ganhou mais destaque. O NEA elaborou primeiramente um mapeamento cultural de base açoriana em todo litoral catarinense e depois adotou uma política de promoção de eventos para dar visibilidade e impacto à causa açoriana, como por exemplo, o Açor (Festa da Cultura Açoriana). Portanto, o movimento açorianista, a partir de 1990, auferiu repercussão e expressão sociocultural, que tem aumentado cada vez mais em vários municípios do litoral catarinense (LEAL, 2007).

As pesquisas de Leal (2007) mostram que ocorreu uma apropriação da cultura popular para formar uma identidade açoriana. Tudo que era percebido como antigo, era considerado açoriano, como um cemitério construído no princípio do século XX. Assim, afirma Leal:

Nessa exata medida, o trabalho de objetivação da cultura popular no litoral catarinense subjacente ao modelo açorianista pode ser mais exatamente definido como um trabalho de açorianização da cultura popular. De fato, o que nele está em causa é transformar em expressões da cultura açoriana, diversos modos de fazer e pensar que, até aí, eram vistos como expressões de lógicas culturais diferenciadas (LEAL, 2007, p.82-83).

Denota-se então que as controvérsias e as dificuldades enfrentadas em encontrar semelhanças entre a cultura dos Açores no litoral catarinense, em vários aspectos, deu origem à mudança na expressão cultura açoriana, que passou a ser chamada de cultura de base açoriana. Esse “novo conceito” possibilita maior abertura para a diversidade dos acervos culturais, compreendidos pelo que se entende como açoriano (LEAL, 2007).

A possibilidade de valorização da cultura açoriana, em busca de uma identidade, influenciou Sombrio. A Prefeitura Municipal, durante o mandato de Leopoldo Renato Alves (1997-2000), encomendou a construção para o calçadão, na área central da cidade, objetos de arte pública, com reverência à colonização açoriana. Naquele período, promoveram um evento nomeado “Arraial Fest”, que passou a acontecer de dois em dois anos. Essa festa foi criada com o objetivo de não apenas “exaltar” a cultura açoriana, mas também atrair turistas e movimentar a economia do município. As primeiras edições tinham características de festa junina, com barraquinhas, com produtos típicos. Mais tarde, com o

objetivo de atrair cada vez mais o público para a festividade, adquiriu novo formato, passou a ter investimento maior, em que o “ponto alto” da festa teria a apresentação de artistas de renome nacional, afastando-se cada vez mais do objetivo inicial de resgatar a cultura local e nomeá-la como açoriana. Porém, continua com a mesma evocação à cultura açoriana, mesmo não possuindo as características que lembram o modo de viver dos descendentes luso-açorianos, como mostra a programação das últimas versões da festa nas figuras 1, 2 e 3.

#VEMPRA SOMBRIÓ
DE 31/7 A 3/8

14º ARRAIAL FEST

GOVERNO DO MUNICÍPIO
SOMBRIÓ SC

PROGRAMAÇÃO Quinta-Feira • 31/7

8h	Montagem operacional geral
8h 30	Seminário da Cultura e Turismo - Prefeitura de Sombrio/ AMESC (Casa de Pedra)
9h 30	Abertura da Central Administrativa e Operacional
10h	Abertura da Praça de Alimentação
10h	Abertura do Parque de Exposições
10h 30	Juramento à Bandeira / Entrega de Certificados de Dispensa Militar (Palco da Praça Gastronômica)
18h	Formatura do PROERD
19h 30	3º ARRAIAL FASHION
21h	Culto Ecumênico - Pastor Josué Barbosa e Pe. Daniel Pagani (Palco da Praça Gastronômica)
21h 30	Solenidade oficial de abertura do 14º ArraialFest (Palco da Praça Gastronômica)
22h	Apresentação do Grupo Açor Sul Catarinense (Palco da Praça Gastronômica)
22h 30	Show com Look At Me (Palco da Praça Gastronômica)

Figura 1 - Imagem da programação de 14º Arraial Fest de 2014

Disponível em:

<http://www.engeplus.com.br/noticia/variedades/2014/prefeito-de-sombrio-anuncia-atracoes-do-14-arraial-fest/>. Acesso 14/05/2015.

PROGRAMAÇÃO Sexta-Feira • 1/8

- 9h Abertura da Central Administrativa e Operacional
- 9h Reunião dos prefeitos da AMESC (Casa de Pedra)
- 10h Abertura da Praça de Alimentação
- 10h Abertura do Parque de Exposições
- 11h 30 Show com Marcelo Vignali e Alessandro Cardoso (Morango) - Almoço AMESC
- 13h 30 Show com Tio Lino e Moreninho (Praça de Alimentação)
- 14h 10º Arraial da Melhor Idade
- 17h Apresentação do Grupo Pacheco (Palco da Praça Gastronômica)
- 18 h Organização "CANTA ARRAIAL" (Palco da Praça Gastronômica)
- 19h Início do "CANTA ARRAIAL" (Palco da Praça Gastronômica)
- 22h Premiação "CANTA ARRAIAL"
- 22h Show com Eliege e Luan (Palco da Praça Gastronômica)
- 22h Show com a Banda Tratamento Vip (Palco Alternativo - Arena de Shows)
- 23h 30 Show com a Banda Dom Ramon (Palco Alternativo - Arena de Shows)
- 1h **SHOW NACIONAL COM PAULA FERNANDES (Palco Principal - Arena de Shows)**
- 2h 30 Show com John Sombra (Palco Alternativo - Arena de Shows)

Figura 2 - Imagem da programação do Arraial Fest de 2014 (verso)

Disponível em:

<http://www.engeplus.com.br/noticia/variedades/2014/prefeito-de-sombrio-anuncia-atracoes-do-14-arraial-fest/>. Acesso 14/05/2015.

15º ARRAIAL FEST
Um encontro Cultural, Esportivo e Negocial

04 a 07 AGOSTO 2016 SOMBRIO Santa Catarina

14º FESTIVAL DA MELHOR IDADE

ESCOLHA DAS SOBERANAS
NEGUINHO & EMANUEL

GABRIEL MALIN

MICHEL TELÓ

HENRIQUE & JULIANO

04 QUINTA
 05 SEXTA
 06 SÁBADO
 07 DOMINGO

ANTECIPADORES
minha entrada.com.br

Galatas, Asferio, Cardinal, etc.

Figura 3 - Divulgação evento oficial do Arraial Fest de 2016.

Disponível em: <https://confirmamais.com.br/arraial-fest-sombrio-sc-atracoes-shows/>. Acesso em: 20/09/2016

Os produtos típicos servidos e comercializados nas barraquinhas constituíam-se de rapaduras, produtos feitos com polvilho (broas, roscas

e bolos) são considerados produtos de origem açoriana, induzindo a conhecer uma identidade imaginariamente reconhecida como açoriana ao município de Sombrio.

Por isso, muitos aspectos culturais passaram a ser reconhecidamente como de origem açoriana, mas na verdade são resultado de uma cultura popular que, às vezes, não apresenta característica açoriana. Reflexões seriamente comprovadas deduzem que:

Isso talvez ajude a explicar os enganos, que inclusive estudiosos acabam cometendo, de achar que praticamente toda a manifestação cultural regional tem origem nos Açores (para uns mais esclarecidos) ou Portugal (para a maioria), a exemplo do boi-de-mamão, desconhecido da cultura açoriana das ilhas e que tem em sua formação elementos de gênese africana, indígena e “cabocla”, a exemplo da gastronomia à base de mandioca ou milho como o beiju, o cuzcuz e a bijajica (CAMPOS, 2009, p.199).

Por outro lado, a culinária baseada na mandioca e seus derivados como o polvilho, muito utilizado em Sombrio, tem como precursores, no que tange à utilização, descendentes de índios Carijós, que tinham a alimentação à base de mandioca, peixe, crustáceos, carnes de caça, tubérculos e frutas silvestres. O milho e a farinha de mandioca e seus derivados foram produtos que, com algumas transformações no processo de produção, continuaram sendo pratos apreciados pelo homem branco, mesmo depois do desaparecimento dos índios (SOUZA, 2010). O polvilho, bastante utilizado na culinária de Sombrio, principal ingrediente para se produzir roscas salgadas e doces, broas e apressado¹³, muito apreciados na região e erroneamente difundidos como elementos da culinária açoriana. Os imigrantes luso-açorianos conheceram a mandioca aqui no Brasil através dos indígenas e passaram a utilizar o polvilho no lugar do trigo, já que não conseguiam cultivá-lo, naquela época.

Campos (2011) faz comparações entre as relações do coletivo e do individual existentes entre as populações açorianas dos Açores (Portugal) e do litoral catarinense justamente para apontar as

¹³ Tipo de bolo em que se utiliza polvilho em vez de farinha de trigo.

reminiscências de características culturais açorianas que resistem em localidades litorâneas de Santa Catarina. Algumas semelhanças como, por exemplo, as **terras de uso comum**, como os compáscuos¹⁴ presentes nos Açores, aqui, aparecem em diferentes pontos do litoral de Sombrio à Barra Velha. Apesar da semelhança, com o passar do tempo, este tipo de uso da terra desapareceu. “As mudanças na economia e na sociedade regional brasileira, após meados do século XX, levaram a um gradual desaparecimento da maioria dos espaços comunalmente usufruídos pelo povo” (CAMPOS, 2011, p.25).

No que se refere à relação social de entreajuda e de trabalhos coletivos, também se manifestam situações entre a população açoriana catarinense e a dos Açores. Segundo Campos (2011), este fato é considerado como resquícius¹⁵ e está fadado ao total desaparecimento, todavia, ainda, muitos elementos aparecem, embora alterada sua forma e conteúdo. Esta é a realidade de várias partes do Brasil e não só das colônias açorianas. Um exemplo marcante de trabalho comum feito no litoral de Santa Catarina é o que se refere às práticas de farinha¹⁶ que eram produzidas pelas pequenas propriedades familiares. Quem tinha engenho eram apenas os produtores mais abastados, então os pequenos proprietários podiam utilizá-los através de um acordo. Como a atividade ocupava toda a família e mesmo assim não era o suficiente, recorria-se com frequência à vizinhança e aos parentes para dar conta do trabalho. Enquanto trabalhavam, era presente a prática de competições, cantorias e namoricos. Atividades bem semelhantes às que ocorrem em Portugal como a vindima (colheita da uva), a desfolhada (retirar a palha do milho) e a espadelada (cultivo do linho) (CAMPOS, 2011).

Um elemento bastante importante que faz parte da influência açoriana do litoral catarinense é a prática da **farra do boi**, que se constitui de uma brincadeira em que se solta um boi, o mais bravo. A brincadeira consiste no participante provocar o boi e depois correr dele, enquanto os demais assistem ao espetáculo. Segundo Campos (2011), há uma dificuldade em precisar se a atividade é originária dos Açores. Isto porque:

¹⁴ Espaços de uso comum livre, aberto a todos (CAMPOS, 2011).

¹⁵ Milton Santos chama de rugosidade.

¹⁶ Ato de transformar a mandioca em farinha, em conjunto com vizinhos, parentes, trabalho mútuo (CAMPOS, 2011).

Sua característica muito própria dificulta a confirmação de que sua gênese esteja nos Açores ou mesmo Portugal continental, embora grande parte dos autores assim o afirme. Além do que, não temos ainda elementos suficientes que possam confirmar ou não o mesmo costume em outras regiões do Brasil onde o povoamento dos açorianos tenha ocorrido (CAMPOS, 2011, p.43).

Outra atividade fortemente relacionada à cultura açoriana do litoral catarinense é a **Festa do Divino**¹⁷, presente em todas as ilhas do arquipélago dos Açores, não de forma igual, mas aqui de conteúdo semelhante. Segundo Campos (2011), até um passado recente, as características da Festa do Divino em Santa Catarina eram bem mais próximas às que ocorriam nos Açores, herança cultural. As alterações na festa vem descaracterizando o evento, perdendo assim a dimensão de tradição. Isso fica evidente no modo como

Hoje em dia tudo o que era tradicional foi se alterando. Em muitos lugares a tradição se perdeu, noutros como no município de Santo Amaro da Imperatriz, cuja festa é considerada a maior do estado, a bandeira segue pelas ruas silenciosa sem fogos nem música (CAMPOS, 2011, p.47).

Ainda segundo Campos (2011), muito da influência cultural açoriana, que se manteve, tornou-se parcialmente ou quase totalmente alterada, isso aconteceu em decorrência da situação ou do contexto relacionado às próprias mudanças da sociedade e da economia, o que de fato mostra como as tradições vão se ajustando às transformações modernistas. Desse modo, a

[...] desagregação econômica levou à desagregação social e cultural tradicional, fazendo desaparecer a maior parte dos laços e influências que ligava a população a elementos dirigidos ao coletivo, o que é favorecido pelo pronunciado processo de fuga da população jovem em direção às áreas urbanas, onde adquirem novos hábitos e

¹⁷ Festa popular religiosa em que a Bandeira do Divino percorre as residências para o recolhimento de doações.

costumes, grande parte das vezes passando a renegar a própria origem (CAMPOS, 2011, p.64).

Na esteira desta discussão, Leal (2007) defende que os reais objetivos das tentativas de ampliação e diversificação das iniciativas açorianistas estão relacionados a três motivos. O primeiro motivo relaciona-se à política de “resgate” de traços da cultura açoriana, associada ao declínio ou ameaçada pela difusão do processo de modernização cultural, social e econômica. É através de um “resgate ativo” que se tem multiplicado os grupos de dança folclórica de “referência açoriana”, grupos de boi-de-mamão, de ternos de reis e de cantorias do divino que se mantinham inativas ou inexistentes e que passaram a ser revitalizadas (LEAL, 2007).

O grupo de danças açorianas de Sombrio, chamado Açor Sul, visitou os Açores com o objetivo de aprender danças para serem aqui reproduzidas. Neste caso, o processo de revitalização é tão forte que já não representa remanescentes da cultura açoriana, transmitidos naturalmente de geração para geração, mas sim a introdução de elementos açorianos na cultura local que foram trazidos das ilhas e introduzidos alguns passos nas apresentações, numa expressão clara de “invenção da tradição”. O segundo motivo é a espetacularização da cultura popular açoriana, transformando o litoral catarinense em uma vitrina com a exibição de grupos folclóricos, confecções de produtos artesanais, desfiles em grandes festas, folias do divino e tudo que constituiu grandes espetáculos da açorianidade (LEAL, 2007).

Aí está a mercantilização da cultura associada ao turismo, que seria o terceiro motivo. Santa Catarina constitui um dos principais polos turísticos do Brasil, que além de belezas naturais passa a privilegiar virtudes culturais. Este fato amplia os “benefícios do turismo” às áreas do interior do estado e também promove o chamado turismo das quatro estações, favorecendo também o “turismo de compras” (LEAL, 2007).

A etnicidade torna-se, assim, em mais um importante *marketing* turístico para uma Santa Catarina multiétnica. Passam a oferecer aos turistas espetáculos da diversidade da sua cultura, propostas de circuitos turísticos culturais, investimentos estaduais e municipais na salvaguarda dos patrimônios materiais e imateriais que são importantíssimos (LEAL, 2007). Para o litoral de Santa Catarina ficou o legado da cultura açoriana nas regiões turísticas: Grande Florianópolis, Encantos do Sul e Caminho dos Cânions, em consonância com a regionalização promovida pela Santur (Santa Catarina Turismo).



Figura 4- Mapa das regiões turísticas de Santa Catarina

Fonte: <http://casadoturista.com.br/mapa-do-turismo-em-santa-catarina-santur/> Acesso em:10/03/2017.

Adaptado pela autora com apoio no desenho cartográfico de Giovanni Colossi Scotton

A apropriação da marca açoriana em *marketing* turístico presente em folhetos, revistas jornais é generalizada. O Diário Catarinense faz muitas reportagens mencionando a cultura açoriana na capital e na região litorânea do estado. Essas reportagens relacionam a culinária composta à base de frutos do mar como sendo de influência de cultura açoriana. Veja-se como são redimensionadas em condições.

Culinária açoriana encanta os turistas

Além daquele banho de mar nas praias, o turista tem algo a mais para aproveitar na Ilha: a culinária mané. Sejam eles argentinos, gaúchos, paranaenses ou paulistas, todos se rendem a um peixinho frito ou a uma porção de camarão ao bafo ou à milanesa. Quer melhor opção para comer nos dias de sol?

É só chegar no horário do almoço na Praia dos Ingleses, no Norte da Ilha, para que o cheirinho de peixe fique mais forte na orla. As cozinhas dos restaurantes passam a funcionar a todo o vapor no preparo de pratos à base de frutos do mar.

– Os visitantes pedem muito camarão, tainha e anchova. A gente oferece outras opções, mas é difícil quem queira vir para a praia comer carne – comenta o proprietário de um dos restaurantes do balneário, Maurício Gomes Azevedo (KREMER, 2012)

Rancho Açoriano apresenta menu de inverno com caldinho de garoupa e ragu de siri em Floripa

Caldinho de **garoupa** e ragu de **siri** serão algumas das delícias servidas pela família **Gonçalves**, há duas décadas no comando do **Rancho Açoriano**, no lançamento do menu de inverno da casa com endereço no **Itaguaçu** e **Ribeirão da Ilha**. Os **novos pratos** passam a integrar o cardápio no **sábado**¹⁸, em evento exclusivo para imprensa e influenciadores digitais. Entre as novidades para movimentar o inverno, o local promete passeios

¹⁸ Palavras grifadas na fonte.

pela fazenda de ostras mantida pelos proprietários (COUTINHO, 2016).

Nos pontos comerciais como restaurantes, os pratos são amplamente ofertados como “açorianos” por estarem em um “contexto territorial açoriano”, mas não por lembrar os pratos típicos das Ilhas de Açores que são compostos, segundo Souza (2010), principalmente, por carnes vermelhas e molhos. Isso ocorre devido à ressignificação cultural local de Florianópolis, ser produtiva de diversificados tipos de frutos do mar.

Quanto às indicações de folclore no âmbito cultural, esses são também apresentados na mídia como manifestações de cultura açoriana, de forma espetacularizada e sem critério crítico de articulação às bases de miscigenação. Veja por exemplo a seguinte abordagem:

Santo Antônio de Lisboa: recanto marcado pela colonização açoriana

A cultura popular também está presente no bairro, com manifestações do folclore catarinense como Boi-de-Mamão, Maricota, Bernunça, Pau de Fita e Cacumbi, que são vistas com frequência em festas juninas, festas no bairro e no Carnaval — quando o tradicional bloco “Baiaçu de Alguém” ganha as ruas de Santo Antônio (CLIC RBS, 2012)

Toda manifestação cultural do patrimônio material e imaterial é mencionada insistentemente também como cultura açoriana, ainda que não haja nenhuma comprovação de que essas expressões sejam reconhecidamente açorianas. Qualquer aspecto da cultura local passa a ser identificado como cultura açoriana, como mostra a reportagem abaixo.

Cultura açoriana preservada em Bombinhas

Havia me mudado com a família para montarmos uma pousada, mas comecei a ficar incomodada por não conhecer a cultura local. Por isso fui atrás dos engenhos – explica a gestora do museu.

(...) Graças à restauração dos dois engenhos, turistas e moradores da cidade catarinense agora encontram viva uma história que começou no

século 18, quando portugueses chegaram a Santa Catarina e aperfeiçoaram técnicas indígenas para a produção da mandioca.

(...) – Já chegamos a ter 70 engenhos na cidade, mas eles foram acabando. Hoje, temos apenas 15, mas cinco deles fabricam farinha e sustentam as famílias – celebra a ascendente, alemã de origem, mas açoriana de coração (MARCHIORI, 2013).

Com relação aos engenhos frequentemente mencionados como patrimônio cultural de origem açoriana se explica pelo fato de que as terras do litoral catarinense não tinham a fertilidade do solo vulcânico dos Açores, por isso o trigo muito cultivado lá não se adaptou nem ao solo e nem ao clima. Os imigrantes açorianos e vicentistas, que viviam da agricultura, tiveram que se adaptar ao cultivo agrícola herdado dos índios. De tal modo, desconhecida pelos habitantes das ilhas dos Açores, a mandioca se tornou a base alimentar dos açorianos por forças das circunstâncias expostas acima, mas nada tem a ver com a alimentação das populações das ilhas dos Açores.

Assim como nas reportagens acima, Sombrio também teve divulgação na Revista Mares do Sul, que cita o Município de Sombrio com referência à cultura açoriana.

A pequena Sombrio preserva as suas tradições num verdadeiro museu ao ar livre, onde teares e mosaicos contam a saga da colonização da cidade e exaltam a cultura açoriana (MARES DO SUL 32, junho/julho 2000).

A mídia, a serviço principalmente da indústria do turismo, divulga aspectos culturais que quer manter, dando novos significados às expressões populares. Leal (2007) utiliza a expressão “etnicidade reconstruída” para explicar este fenômeno em que a mídia auxilia na re/criação de etnicidade, conforme interesse próprio. Ainda, com base em MacCannell, Leal destaca que “o turismo provoca a restauração, preservação e criação ficcional de atributos étnicos”, num processo em que “a energia vem de fora [isto é, a indústria turística] e não de dentro [isto é, do grupo]”.

É importante salientar que o movimento chamado “resgate das tradições” ou “recuperação da cultura local” deve ser compreendido a partir de uma perspectiva crítica, como um componente das atividades

econômicas, como o turismo e que este busca sempre mecanismos para a sua expansão (OURIQUES et al, 2005).

Assim, com base nessa perspectiva, nas escolas, principalmente em aulas de Geografia, tem-se possibilidades de vincular os acontecimentos atuais com a base histórico-geográfica. Desse modo, é possível adequar os conhecimentos necessários para a formação crítica.

Outro fator que tem contribuído para a exaltação da cultura açoriana, no estado de Santa Catarina, é a introdução gradativa da cultura gaúcha por migrantes provindos do estado vizinho, Rio Grande do Sul. A migração gaúcha tem sido intensa desde o final do século XIX para vários estados do Brasil. Oliven (1991) afirma que em 1980 havia aproximadamente 900.000 gaúchos fora do Rio Grande do Sul, o que corresponde a 11,5% da população daquele estado. Na proximidade territorial, Santa Catarina é um dos estados que mais recebe gaúchos. Calcula-se que, em 1980, cerca de 300.000 gaúchos residiam em Santa Catarina.

Os migrantes gaúchos convertem ou subvertem a cultura local, pois se organizaram em torno das suas bases culturais, dando grande expressão do movimento tradicionalista rio-grandense, como acontece na Grande Florianópolis. Para se ter uma ideia expressiva desse movimento cultural gauchesco, Leal afirma:

De acordo com dados fornecidos pelo patrão do grupo gaúcho Ilha Xucra, de Florianópolis, existiam em 2001, na Grande Florianópolis, 37 CTGs, envolvendo perto de 14.800 ativistas. O maior desses era o CTG “Os Praianos”, localizado no município de São José com mais de trinta anos de existência, e que, entre outras atividades, organiza um grande rodeio anual, cuja assistência em 2001, foi estimada em 50.000 pessoas (LEAL, 2007, p.160-161).

Assim, o fenômeno da “diáspora gaúcha” e a consequente difusão da cultura veio suscitar, desde a década de 1980, reações de hostilidade localmente. Os gaúchos foram acusados de quererem impor a cultura gaúcha à cultura local (LEAL, 2007) e, conseqüentemente, suscitam “rivalidades” ou animosidades.

Nesse quadro de conflito, está o êxito do movimento açorianista que:

De fato, este está estruturalmente ligado a este quadro de disputas simbólicas e de guerras culturais marcado em plano de relevo pela tentativa de reativar o local e o “nativo”, como forma de resposta ao que é de fora e ao que ameaça “descaracterizar” a cultura local. Não é de se admirar que o motivo “gaúcho” seja tão importante no desenvolvimento recente do movimento açorianista, particularmente na Ilha de Santa Catarina (LEAL, 2007).

Em Sombrio essa hostilidade não se apresenta assim tão explícita, portanto este “motivo gaúcho” não influenciou de maneira preponderante o desenvolvimento do movimento açorianista. É possível que a proximidade com o estado do Rio Grande do Sul, a constante presença de CTGs e a participação em Rodeios em todos os municípios do sul catarinense tem contribuído para a não hostilização. A presença dessa cultura é marcante. Está visivelmente percebida nas entrevistas que foram feitas para enriquecimento desta dissertação, uma vez que os alunos reconheceram mais elementos da cultura gaúcha a elementos da cultura açoriana. Haja vista a proximidade de Sombrio com a região serrana gaúcha e catarinense, que por sua forte expressão cultural gaúcha influenciam o litoral, inclusive Sombrio. Além disto, alguns entrevistados são gaúchos, quando não, filhos de gaúchos que mudaram para Sombrio, há alguns anos denotando aí uma forte influência da cultura gaúcha no município de Sombrio.

O fato é que, durante muito tempo, a cultura açoriana foi invisibilizada pela história no litoral catarinense e em outras regiões do país. Atualmente, faz parte de um projeto de resgate e de visibilidade em que os interesses são econômicos. Ou seja, o propósito é desenvolver o turismo na região, por isso, a cultura açoriana é estilizada para chamar a atenção de turistas, no que compete à criação de uma identidade cultural, que se reflete em vários municípios catarinenses, inclusive no de Sombrio.

4 ABORDAGEM LUSO-AÇORIANAS ATRAVÉS DE PRÁTICAS NO ENSINO ESCOLAR.

No presente capítulo são apresentados os resultados das entrevistas realizadas com professores e alunos das escolas da rede pública estadual e municipal do município de Sombrio. Igualmente é apresentada a análise de como são feitas as abordagens de cultura luso-açoriana nas aulas de Geografia, levando em consideração o contexto escolar e a prática de ensino diária.

4.1 ALGUNS ITINERÁRIOS DE ABORDAGENS PEDAGÓGICAS EM CONTEÚDOS LUSO-AÇORIANOS EM SOMBRIO- SC

Segundo SANTOS (2012), CLAVAL (2014), CANCLINI (2013), as práticas da sociedade são conduzidas pela cultura, pois essa oferece o direcionamento para as ações de (re)construção do espaço através do trabalho, o processo de conhecimento e apropriação desse espaço faz com que o cidadão se reconheça nele e assim se torne protagonista desta (re)construção.

Algumas atividades relacionadas à “matriz cultural” da população local são desenvolvidas na escola, que serve de ambiente para reforçar a identidade cultural, de acordo com os interesses mercadológicos dos órgãos responsáveis em desenvolver atividades econômicas como as turísticas.

Nesse contexto, pode-se citar o “Projeto Açores”, promovido pela RIC TV, em que alunos das escolas municipais de Florianópolis foram envolvidos em um concurso que premiou os melhores desenhos e as melhores redações sobre aquele arquipélago português. Segundo o Diário Catarinense (20/09/2010 p.23) “o projeto açores tinha como objetivo reconhecer e difundir a conexão entre as ilhas dos Açores, em Portugal, e as cidades da Grande Florianópolis, colonizadas pelos açorianos”.

Igualmente, aqui, projetos que objetivaram “reforçar” ou “criar” elos identitários entre a cultura sombriense e a cultura açoriana foram desenvolvidos nas escolas locais. O movimento iniciou-se no mandato do prefeito Leopoldo Renato Alves, grande incentivador do reconhecimento daquelas práticas culturais. Assim, houve investimentos feitos com a parceria do NEA (Núcleo de Estudos Açorianos) sediado

na UFSC, cujos recursos provinham da própria Prefeitura Municipal e de alguns empresários e que tinham como objetivo reconhecer e difundir a cultura açoriana e assim captar mais recursos do Ministério do Turismo.

Essa prática de reconhecimento e difusão da cultura açoriana nas escolas ocorreu inicialmente na E. E. B. Irineu Bornhausen em 2002, quando a Prefeitura Municipal juntamente com Vilson Farias propôs que a escola implementasse um projeto de resgate cultural nos bairros de Sombrio, assim foi feito um levantamento para coletar dados sobre os aspectos culturais nos bairros da cidade em questão e, em seguida, foram desenvolvidas várias atividades sobre os hábitos e costumes. Para levantar aspectos culturais que se faziam presente no cotidiano ou simplesmente na memória das pessoas, foi proposta uma conversa com os idosos. Desse modo, a ação trouxe ao conhecimento dos alunos e de toda comunidade escolar aspectos da cultura sombriense, que até então não tinham muita visibilidade. Porém, grosso modo, tudo que foi resgatado passou a ser chamado de cultura de base açoriana, mesmo não tendo nenhuma semelhança com o elemento de origem “legítimo”. O projeto da E. E. B. Irineu Bornhausen culminou com a realização de apresentações e exposições, resultado do levantamento realizado entre professores. A atividade foi nomeada como “Mostra Cultural de Base Açoriana”.

A primeira ideia era que as coletas de informações sobre a cultura de Sombrio fizessem parte do livro que seria escrito pelo historiador Vilson Farias, assim ele teria dados sobre a cultura realmente existente em Sombrio, entretanto no dia do evento que contaria com a presença de autoridades, o autor já chegou com o livro pronto “Sombrio 85 anos: natureza, história e cultura: para o ensino fundamental”. Como relata uma professora, em seu depoimento, para esta pesquisa,

“Primeiro, pediram para fazer o levantamento de dados nos bairros sobre a cultura de Sombrio para fazer parte do livro; no dia das apresentações, já chegaram com o livro pronto para a divulgação. Nos sentimos usados” (professora da E. E. B. Irineu Bornhausen).

Depois daquele dia, conforme depoimento da professora, mais nenhuma atividade de resgate cultural foi realizada na escola. Acredita-se que os organizadores tenham se desgostado da forma como foi

conduzido o evento final, que serviu principalmente para “festejar” o lançamento do livro acima citado, encomendado pelos representantes da Prefeitura Municipal.

A mesa de autoridades foi composta pelos professores organizadores da Mostra, funcionários da prefeitura, o historiador Vilson Farias e componentes da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina. Cada componente da mesa fez um pequeno discurso, dando início às atividades estabelecidas para o evento escolar.

Para elucidar, apresentar-se-ão algumas imagens que mostram a mesa de autoridades. É possível ver que a decoração da sala foi composta por chapéus de palha, peneiras, cestos de vime e mantas, artefatos bastante usados e confeccionados artesanalmente pela população mais antiga de Sombrio. Ainda, um painel de madeira ajuda a criar um clima rústico ao ambiente, combinando assim com o estilo de vida dos antepassados desta cidade.



Figura 5 - Composição da mesa de autoridades da Mostra Cultural de Base Açoriana

Fonte: Acervo da Escola Irineu Bornhausen, 2002.

Toda a comunidade escolar foi convidada para o evento, os pais, os alunos, os professores e funcionários estiveram presentes. Dessa forma, os organizadores julgaram que grande objetivo proposto pelos

idealizadores: a divulgação da cultura luso-açoriana como a identidade cultural de Sombrio, foi alcançado.



Figura 6 - Participação da comunidade escolar no evento, pais, alunos e professores e funcionários.

Fonte: Acervo da Escola Irineu Bornhausen, 2002.

No evento, os participantes puderam assistir a apresentações artísticas como teatro, músicas cantadas por grupos locais. A imagem abaixo mostra professores e alunos cantando “Lagoa de Sombrio”, música que exalta a lagoa, presente no município e reconhecida com um dos pontos turísticos, pela sua beleza e importância econômica no transporte de mercadorias no passado. A música está disponível para ser ouvida no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=Iig0Qc3d00E>



Figura 7 - Apresentação dos alunos da escola juntamente com professor.
Fonte: Acervo da Escola Irineu Bornhausen, 2002.

Na mostra também contaram com a visita de representantes da Casa dos Açores da Ilha de Santa Catarina, que fizeram apresentações artísticas com referência à cultura “de base açoriana” em Florianópolis. A ideia dessa atividade consistiu em evidenciar que Sombrio também conseguiria recriar suas tradições a exemplo de Florianópolis. Assim, seriam salientadas semelhanças culturais entre os dois municípios para seguirem a mesma tendência.

Palestra sobre a música e folclore de cultura de base açoriana também fizeram parte do evento. A professora Marize Amorim Lopes, da cidade de Sombrio, auxiliou o enlace entre a cultura sombriense e o que seria a cultura açoriana estabelecendo as semelhanças.



Figura 8 - Palestra sobre música e folclore de cultura de base açoriana.
Fonte: Acervo da Escola Irineu Bornhausen, 2002.

Durante o evento, os participantes poderiam visitar a exposição de artefatos confeccionados pela comunidade local e de objetos antigos. Desta forma, ficou fácil levar as pessoas presentes a constatarem que tudo que estava exposto era de “origem cultural açoriana”, fortalecendo a ideia de que a cultura de Sombrio realmente é de base açoriana.



Figura 9 - Exposição de produtos de tapeçaria, chapéus de palha e peneiras.
Fonte: Acervo da Escola Irineu Borhausem, 2002.

As apresentações teatrais produzidas pelos alunos e professores também continham “marca açoriana”, assim como se propagaram em Florianópolis as histórias de bruxas que são constantemente relacionadas aos contos açorianos, mas que na verdade não se sabe com certeza se realmente foram trazidos pelos açorianos.



Figura 10 - Encenação teatral com o tema Histórias de Bruxas.
 Fonte: Acervo da Fonte: Escola Irineu Borhausem, 2002.

Em relação à apresentação de contos, mitos e crendices foram expostos em fragmentos, para que os participantes pudessem lê-los.

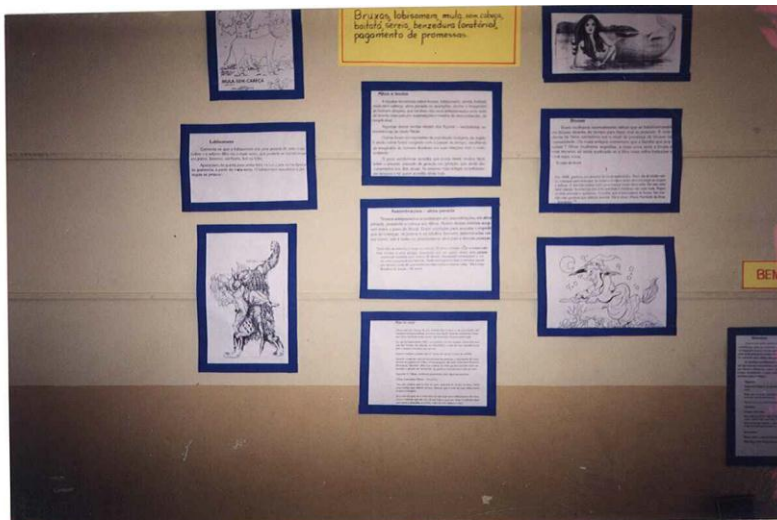


Figura 11 - Paineis sobre mitos e crendices.
 Fonte: Acervo da Escola Irineu Borhausem, 2002.

Quanto às brincadeiras que eram feitas pelos antigos habitantes de Sombrio, essas foram resgatadas e revividas pelos que participaram do evento, como mostra a imagem abaixo. Aqui, a brincadeira pau-de-sebo que, também por não se saber realmente a origem, passou a ser relacionada à cultura açoriana.



Figura 12 - Brincadeira do pau-de-sebo.

Fonte: Acervo da Escola Irineu Bornhausen, 2002.

Vale destacar que, além do pau –de- sebo, a dança do Pau-de-fita fez parte das apresentações, manifestada como tradição híbrida (luso-gaúcha), característica da região, particularmente dos arredores de Sombrio.



Figura 13 - Apresentação de dança no Pau-de-fita.
Fonte: Acervo da Escola Irineu Bornhausen, 2002.

Durante o evento, a escola esteve aberta à comunidade o que tornou o evento atrativo, e vários setores da comunidade poderiam fazer suas apresentações como o grupo da Terceira Idade de Sombrio que se fez presente apresentando números culturais como as trovas.



Figura 14 - Apresentação de trovas com grupo da Terceira Idade
 Fonte: Acervo da Escola Irineu Borhausem, 2002.

É importante lembrar que o objetivo em expor o evento proporcionado pela escola não é realizar uma crítica às suas ações. Porém, a crítica está na apropriação do trabalho dos professores e alunos para difusão de uma “identidade cultural” que não se sabe ao certo o grau de influência.

Outro trabalho com finalidades semelhantes ocorreu na Escola Básica Municipal Professora Nilza Matos Pereira, localizada no Bairro São Luiz em Sombrio, por meio do projeto COPEA (Comunidade Participante Escola Atuante), nos anos de 2003 e 2004. Este projeto teve como objetivos:

Promover, incentivar, estimular e difundir a tradição, a cultura popular e as manifestações folclóricas decorrentes da formação étnica brasileira, visando assegurar a preservação e o intercâmbio entre as comunidades.

Preservar os valores culturais, artísticos e históricos das comunidades que compõe a escola, através de vivências práticas e a valorização da cultura local.

Valorizar as manifestações espontâneas de um povo como instrumento de trabalho, possibilitando e facilitando aos interessados,

acesso aos usos e costumes da nossa gente como valor cultural (Acervo da EBM Prof. Nilsa Matos Pereira, 2004).

Analisando esses objetivos, percebe-se que o projeto visava ao resgate da cultura local que, segundo uma professora da EBM Prof. Nilsa Matos Pereira, não era valorizada. Com base nisso, uma forma de valorizá-la seria por meio do reconhecimento e difusão. O parágrafo inicial da justificativa do projeto foi assim redigido: “As manifestações da cultura açoriana no município de Sombrio são marcantes, pois o povo carrega essa herança no seu modo de viver, nos seus costumes e nas suas crenças”. Esta justificativa induz a definição da cultura açoriana como sendo a predominante em todas as comunidades de Sombrio. De tal modo, o COPEA abrangeria as comunidades de Sombrio: Santa Fé, São Camilo, Campo D’Água, Guarita, Bairro São Luiz, Bairro São Pedro, Bairro São Francisco e Costa da Lagoa, já que os alunos matriculados na referida escola provinham dessas oito localidades.

No desenvolvimento desse projeto, pretendiam-se realizar atividades em várias disciplinas como Geografia, História, Língua Portuguesa e Ciências, inclusive na Classe de Aceleração¹⁹. Nas Séries Iniciais foi realizada a Hora do Conto, momento em que seriam lidas e contadas “lendas e contos açorianos”²⁰, além dessa atividade, a 2ª série estudaria a comunidade, a 3ª série o município e a 4ª série, a colonização do estado de Santa Catarina e as etnias presentes no estado.

¹⁹ A Classe de Aceleração configurava-se como uma turma que composta por alunos com distorção série/idade. Na respectiva turma eram desenvolvidas aulas diferenciadas para suprir o déficit de aprendizagem e assim os alunos podiam ingressar, no ano seguinte, no Ensino Médio.

²⁰ Segundo relato de professores da escola, estas lendas são “originais” do Arquipélago dos Açores e eram lidas às crianças durante a hora do conto. São exemplos de lendas açorianas: Lenda do Reino de Atlântida; Lenda de Santa Maria; Lendas da Lagoa das Sete Cidades (Ilha de São Miguel); Lenda do Senhor Santo Cristo (São Miguel); História da Porca que furou o Pico (São Miguel); Lenda da Lagoa das Furnas (São Miguel); Lenda de Angra (Terceira); Lenda da Coroa Real de Cedros (Faial); História do Baleeiro (Pico); Lenda da Urzelina (São Jorge); Lenda da Fajã de São João (São Jorge); Lenda do Vai-te com o Diabo (Graciosa); História das Sete Caldeiras (Flores); Lenda da Ermida de N.S. dos Milagres (Corvo).

Também no desenvolvimento das atividades, foram agendadas visitas às comunidades, onde eram realizadas apresentações artísticas, painéis com informações coletadas junto à comunidade, que foi chamada a participar em manifestações recreativas ou expondo produtos artesanais em cada comunidade como mantas, objetos de madeira, crochês, tricôs e artefatos antigos. As imagens mostram a apresentação inicial dos professores organizadores do evento.



Figura 15 - Apresentação dos organizadores no encontro em uma comunidade.

Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

Em cada comunidade, foram coletados dados sobre a cultura, economia, número de famílias que foram expostos em painéis para que os moradores conhecessem melhor o lugar em que viviam.

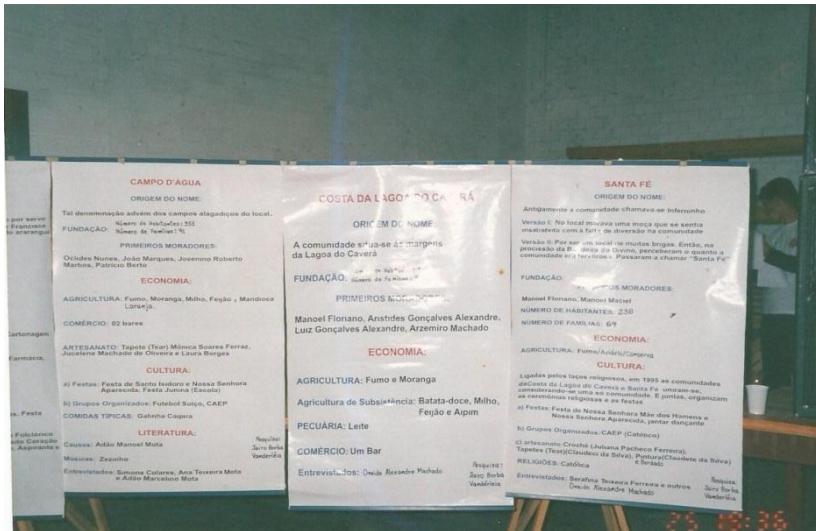


Figura 16 - Apresentação dos painéis com informações coletadas das comunidades.

Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

A população era convidada a participar das atividades e, portanto, quem quisesse poderia expor seus trabalhos no momento do evento. Assim, expuseram objetos que representavam suas atividades, neste caso seriam mantas decorativas e toalhas de prato decoradas com crochês.



Figura 17 - Mostra de produtos artesanais como crochê.
Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

Na imagem aparecem expostos artefatos em madeira assim como mantas decoradas com aplicativos coloridos, assim cada participante exibia os seus produtos que poderiam também ser comercializados.



Figura 18 - Exposição de artefatos em madeira.
Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira



Figura 19 - Mostra de artesanato como mantas de crochê e bonecas.
Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

O evento era encerrado com uma socialização entre todos os que estavam presentes, uma mesa coletiva era composta por bolos, pães, frutas, sucos. Cada família contribuía para a realização da confraternização, finalizando assim as atividades na comunidade.



Figura 20 - Confraternização.

Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

No final do ano letivo de 2004, o COPEA culminou com o encontro de todas as comunidades, desta vez na Escola. As atividades desenvolvidas anteriormente em cada comunidade, naquele momento, foram apresentadas no mesmo espaço: o escolar. A imagem 21, mostra a exposição de um tear manual para a confecção de tapetes, como era muito comum no interior das casas, ganhou lugar de destaque no encerramento do COPEA.



Figura 21 - Exposição das comunidades no final do ano letivo, tear manual.
Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

Assim como foram expostos os trabalhos artesanais na primeira etapa do projeto (nas comunidades), no encerramento foram expostos novamente uma vez que aquele momento reuniria um maior público, possibilitando mais visibilidade à exposição.



Figura 22 - Parte da exposição final na escola.
Fonte: Acervo da EBM Profª Nilsa Matos Pereira

Na realização do Projeto COPEA, a escola, em parceria com a Associação de Amigos da Biblioteca Pública de Sombrio, da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina e da Prefeitura Municipal através da Secretaria de Educação, que financiava os gastos, almejava obter bom desenvolvimento. Quando não puderam mais contar com os recursos que provinham da Prefeitura e iniciativa privada, o COPEA não foi mais desenvolvido.

Durante as atividades escolares através do COPEA, a escola recebeu vários convidados que palestraram sobre a cultura açoriana e sobre a história de Sombrio como: Rolando Cristian Sant'Helena, Maria Aparecida Battistella, Vilson Farias e assim foram promovidas apresentações de danças do Grupo Açor Sul Catarinense e do Grupo Folclórico Casa dos Açores. Esses visitantes e as apresentações tinham o intuito de relacionar a cultura local com a cultura açoriana, criando associações e conexões de imagem a que estas manifestações se assemelham, que tinham a dificuldade de perceber as semelhanças, já que não havia muitas representações notadamente de origem açoriana, a exemplo da Festa do Divino, que é um dos aspectos culturais mais característicos da cultura açoriana. Em Sombrio não realizam mais, segundo professora Vanderleia Benedet Reus, uma das idealizadoras do

COPEA, a festa do Divino era realizada há muito tempo em uma das comunidades, contudo esta manifestação cultural foi extinta.

Vale lembrar que, assim como o COPEA, outras ações fomentadas pela Prefeitura Municipal de Sombrio tinham como propósito difundir traços da cultura açoriana, que foram parando as suas atividades na proporção que os recursos foram diminuindo. Assim, as ações promovidas não tiveram continuidade pela falta de recursos financeiros. Segundo a professora organizadora do COPEA, as atividades não tiveram continuidade, impossibilitando o aprofundamento nos estudos sobre cultura, próximo passo nas atividades escolares.

4.2 REVELANDO CONTEXTOS ATUAIS “OLHAR GEOGRÁFICO NO ENSINO FUNDAMENTAL DE SOMBRIO”.

No presente subcapítulo serão apresentadas os resultados e análises das entrevistas feitas com uma amostra de alunos de 7º ano e também com professores das escolas municipais e estaduais de Sombrio.

4.2.1 Perfil Docente e Discente

Como já informado, foram realizadas entrevistas com professores e alunos das escolas de Sombrio, Dos 37 participantes, 8 são professores que trabalham no Ensino Fundamental das escolas estaduais e municipais e 29 são alunos que compõem as duas turmas de 7ºano matutino e vespertino da Escola Estadual de Educação Básica Irineu Bornhausen, localizada na Sede do Município de Sombrio. Optou-se por não revelar o nome dos entrevistados, uma vez que esses não são alvo direto da investigação, o que neste caso seria uma exposição desnecessária.

A entrevista com os professores ocorreu na escola, ora na biblioteca ora na sala dos professores. Foram ouvidos os participantes que estavam em efetivo exercício no Ensino Fundamental no final, do ano letivo de 2015. O instrumento - questionário aplicado, possui duas partes, a primeira tem o objetivo de identificação do profissional em aspectos específicos, como local de trabalho, tempo de formação e

tempo de conclusão, tempo de efetivo trabalho docente como professor de geografia, situação funcional na rede de ensino em que trabalha e sua carga horária semanal. A segunda parte do roteiro de perguntas apresenta questões que têm por objetivo analisar quais as raízes culturais professores conseguiram visualizar na formação cultural de Sombrio, quais os patrimônios culturais mais significativos que se apresentam no lugar, quais seriam suas origens e de que forma trabalhavam os conceitos geográficos nas aulas de geografia inserindo a cultura local como base para o entendimento do espaço geográfico.

No que compreende o roteiro de entrevista direcionada aos alunos (em anexo) também optou-se em dividi-lo em dois tempos: a primeira parte visa à identificação do aluno, no que se refere ao nome (na oportunidade foi esclarecido que este teria caráter sigiloso na pesquisa), a cidade e o estado onde nasceu e a sua descendência. Essas últimas informações foram importantes para compreender como os alunos se veem culturalmente e com que base cultural eles se reconhecem. A segunda parte da entrevista foi composta por 5 questões elaboradas com a intenção de analisar quais as culturas visíveis para eles em Sombrio, as marcas no território mais significativas, e se esses alunos se reconhecem na cultura luso-azoriana, que é difundida como base cultural de Sombrio.

Dessa forma, iniciando a análise das entrevistas, constatou-se que os oito professores entrevistados possuem licenciatura em sua formação, sendo que dois deles também são bacharéis em Geografia, dois possuem licenciatura plena em OSPB e Moral e Cívica, no entanto são habilitados para dar aula de Geografia e História²¹, e dois professores têm licenciatura curta em Geografia e História. Os quatro últimos professores que foram mencionados têm licenciatura plena e curta e estão formados há mais de 20 anos, enquanto que os outros três formaram-se há menos de 10 anos.

Quanto a situação funcional dos professores entrevistados, 5 nomeados e 3 contratados. O fato de quase a metade dos professores serem contratados dificultou o desenvolvimento de temas relacionados às características locais do município, haja vista que não se fixam em uma determinada escola e que não conhecem a comunidade e, muitas

²¹ O curso que estes professores fizeram é o curso de Licenciatura plena em OSPB e Educação Moral e Cívica e Licenciatura curta em Geografia e História oferecido pela FUCRI (Fundação Educacional de Criciúma), sendo atualmente UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

vezes, não conhecem as características culturais de Sombrio. Em alguns casos estavam trabalhando no município apenas naquele ano e provavelmente no ano subsequente trabalhariam em escolas de outro município.

Desta forma, os professores relataram que a jornada de trabalho é intensa, e que lecionam muitas aulas semanalmente, alguns trabalham diretamente com alunos nos turnos manhã, tarde e noite, sendo que resta pouco tempo para o planejamento das aulas e para pesquisar outras fontes que não seja o livro didático. Esse é um dos fatores que dificulta o trabalho de re/conhecimento de características locais para, posteriormente, relacioná-las às aulas de geografia, visto que este exercício requer tempo na preparação das aulas e pesquisas. Para melhor entendimento, um dos professores entrevistados relatou que trabalha 60 horas aula semanais e ministra semanalmente 58 aulas divididas em duas escolas. Outros 5 professores trabalham 40 horas aula. Destes, dois lecionam 40 aulas semanais, outro com 39 aulas, e um leciona apenas 20 aulas, pois desempenha a função de Orientador Pedagógico nas outras vinte horas.

Esses professores desenvolvem intenso trabalho com contato direto com os alunos, e segundo relatos sentem-se prejudicados, pois com uma jornada exaustiva praticamente elimina-se a possibilidade de dedicar-se à formação continuada. Dois professores trabalham 30h, sendo que um tem a carga horária dividida em duas escolas do interior do município, como não é efetivo admite que se tivesse possibilidade, pegaria mais aulas para complementar a renda financeira. E apenas um trabalha 20h, mas, confirma que desempenha outras atividades para complementar a renda, já que o salário de 20h é muito restritivo.

4.2.2 Condições e possibilidades constatadas

Como foi mencionado anteriormente, o local de origem dos alunos foi uma das questões da entrevista, esta foi de extrema importância para saber se esses alunos fazem parte dos grupos de pessoas que vieram de outros lugares para Sombrio e que, portanto, não possuem influência das raízes culturais locais. Assim como resultado dos dados, constatou-se que os alunos entrevistados, em sua maioria, nasceram em Sombrio e Araranguá (município vizinho). Todavia, uma parte dos alunos nasceu no Rio Grande do Sul (17%), o que configura a

migração de gaúchos para a região mencionada anteriormente. Não foi perguntado na entrevista se os pais dos participantes nasceram em Sombrio, porém nas conversas informais, parte dos alunos relataram que seus pais eram gaúchos, confirmando a informação supracitada. Para a área da geografia, analisa-se a importância dessas informações, que poderiam contribuir muito para as aulas de geografia, já que possibilitam a reflexão sobre os motivos que trouxeram essas pessoas para Sombrio e as implicações do ocorrido no aumento populacional urbano e principalmente como a cultura seria influenciada pelas intervenções dos novos habitantes.

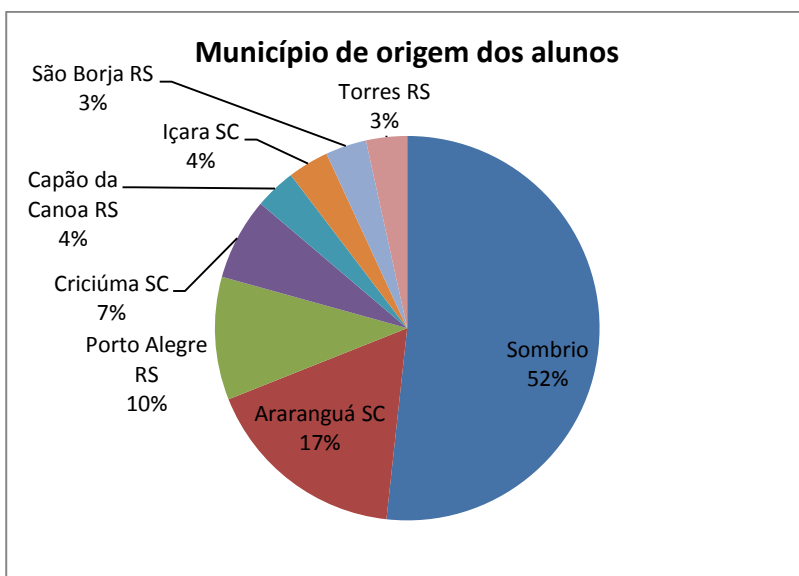


Gráfico 1 – Município de origem dos alunos.

Fonte: Entrevista com os alunos.

Os dados acima foram complementados com o questionamento sobre a residência, ou seja, se estes alunos sempre moraram em Sombrio. Os 20 que nasceram em Sombrio e Araranguá afirmaram que sim, sempre moraram. Enquanto que os 9 nascidos nas outras cidades mudaram-se na primeira infância, quando seus pais deixaram o lugar de origem e vieram residir em Sombrio.

A identificação da cultura familiar está inteiramente relacionada à descendência que fica marcada nos sobrenomes das famílias. O objetivo

dessa constatação é perceber a origem cultural dos alunos entrevistados, por isso perguntou-se se sabiam a origem de seus sobrenomes. Alguns não sabiam, porém foi possível perceber que predomina a descendência “portuguesa” seguida da “espanhola”. Farias (2000) menciona que em Sombrio há predomínio de sobrenomes portugueses porque esta seria a etnia que menos se preocupava em manter a linhagem das famílias na mesma descendência. Ou seja, não tinham preconceito e casavam-se com descendentes de italianos, alemães e indígenas, o que não ocorria com os descendentes de alemães e italianos, que procuravam casar-se com pessoas de mesma descendência. Esta seria uma explicação bem convincente se não tivesse vindo uma grande quantidade de pessoas de outros lugares, principalmente durante a década de 1960 e 1970, em que a população de Sombrio aumentou consideravelmente. Segundo o Censo do IBGE 1990, foi o município catarinense que teve a população que mais cresceu devido à chegada de pessoas de outros município e estados. Convém salientar que um aluno citou ser de descendência indígena. Provavelmente soube em conversas entre seus familiares a sua descendência indígena e relacionou com seu nome.

Os dados remetem à necessidade de uma pesquisa histórica familiar para que os alunos se apropriem dos conhecimentos acerca de suas origens. Abaixo, apresenta-se gráfico com os resultados.

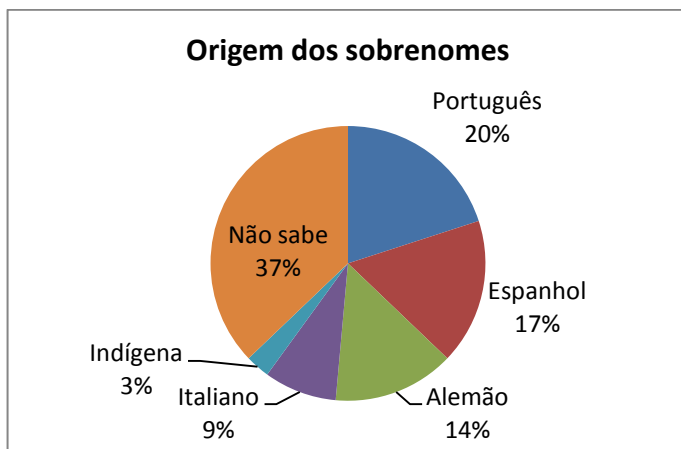


Gráfico 2 - Origem dos sobrenomes.

Fonte: Entrevista com os alunos.

Com relação à origem dos pais dos participantes, muitos não souberam responder, porém a origem mais citada foi a “portuguêsa” seguida da “italiana”. Com relação à cultura italiana, percebe-se que é bastante comum evidenciar essa descendência, assim como a alemã, embora muitas vezes o sobrenome que o compõe não seja originalmente italiano ou alemão. Isso ocorre, conforme se observou, pelo orgulho que os entrevistados têm em pertencerem à origem mencionada, haja vista que há status em citar tais descendências.

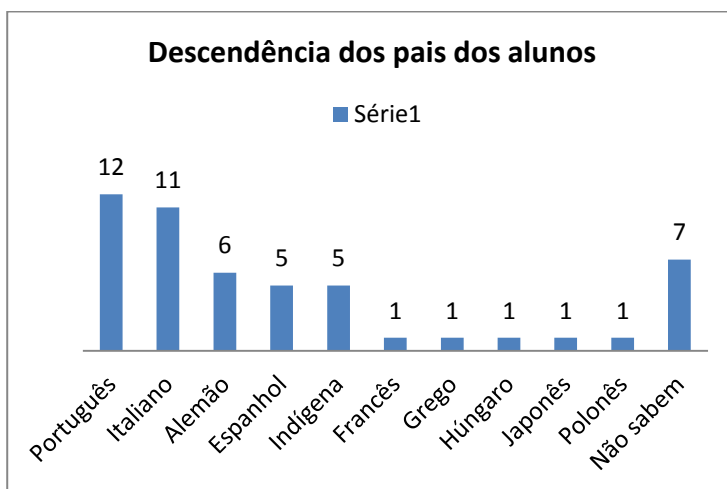


Gráfico 3 - Descendência dos alunos.

Fonte: Entrevista com os alunos.

Apesar de todo esforço de difusão da cultura açoriana em Sombrio, ainda não foi possível convencer a população acerca da base cultural do município. Os alunos e professores foram questionados sobre a suas opiniões com relação à influência na formação cultural de Sombrio, ou seja, quais seriam as raízes culturais desse município? Eles poderiam citar por ordem de influência quais os tipos de culturas mais representativas em Sombrio. A opinião divergiu entre professores e alunos, para os últimos as bases mais citadas foram respectivamente a italiana, a luso-açoriana e a indígena.

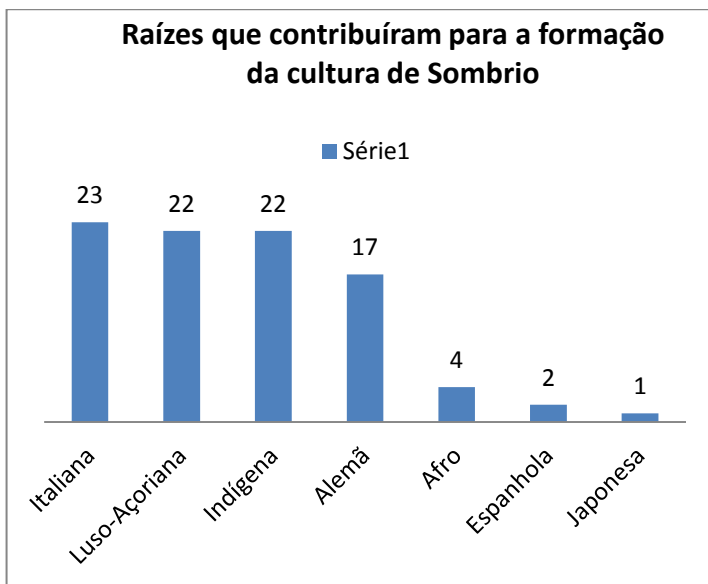


Gráfico 4 - Raízes culturais que contribuíram para a formação da cultura de Sombrio.

Fonte: Entrevista com os alunos.

Já os professores, quando questionados sobre quais seriam as bases culturais que contribuíram para a formação de Sombrio, por ordem de influência, mencionaram mais vezes a cultura açoriana (8), a indígena (4) e a italiana (4). Os dados indicam que a cultura luso-açoriana foi mencionada com unanimidade entre os professores e não entre os alunos. Isso se explica pelo fato de que os primeiros conhecem mais da história do município e relacionam à expressão cultural com a presença histórica do primeiro morador de origem europeia de Sombrio, o precursor João José Guimarães. E também porque esses professores têm, em sua maioria, participado das várias ações promovidas pela Prefeitura Municipal para a difusão e reconhecimento da cultura luso-açoriana. Todavia, essa prática agora não está sendo executada de forma tão eficiente e os incentivos direcionados para isso são mais limitados.

Para compreender melhor como os alunos e professores visualizam as marcas culturais presentes no espaço geográfico, foi perguntado quais seriam os patrimônios culturais mais significativos que representam a cultura do município. As respostas dos alunos indicaram a

Igreja Matriz, o Museu ao Ar Livre (compostos pelos mosaicos e artefatos expostos no calçadão da área central da cidade) e a Casa Cunha.



Gráfico 5 - Patrimônio cultural que melhor representa a cultura de Sombrio.
Fonte: Entrevista com os alunos.

É interessante ressaltar que os alunos citaram apenas patrimônios culturais materiais, não mencionando, em nenhum momento, algum tipo de patrimônio imaterial como a culinária, contos, músicas e outros. Os professores por obterem um nível maior de compreensão citaram uma diversidade maior de patrimônios, dentre eles materiais e imateriais, como mostra o gráfico.

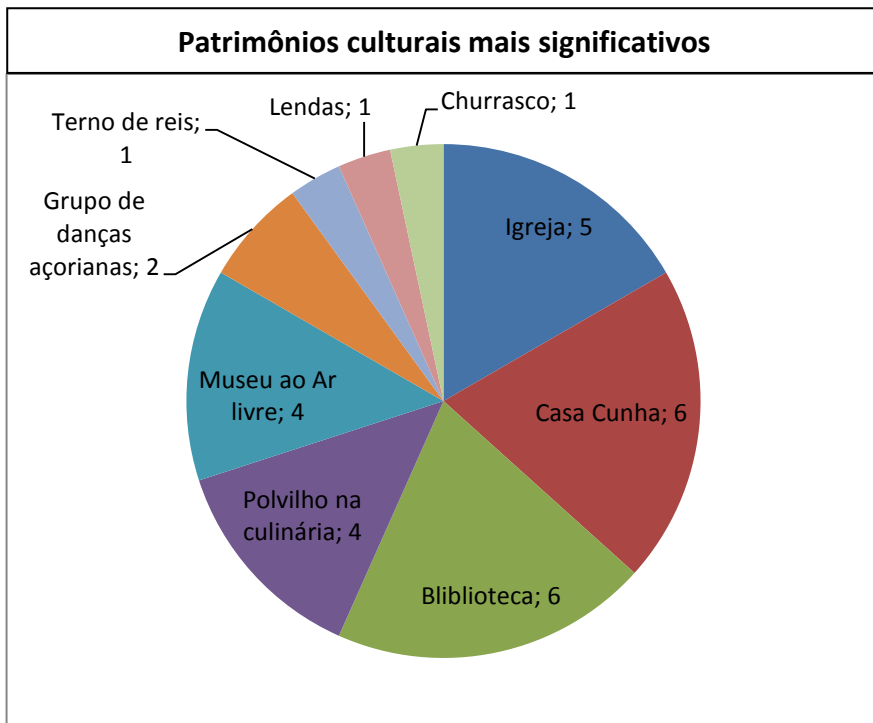


Gráfico 6 - Patrimônios culturais mais significativos.

Fonte: Entrevista com os professores.

Existem muitas incertezas ao determinar quais as origens dos patrimônios, tanto materiais quanto imateriais, o que é percebido nas declarações dos entrevistados. Um dos professores ao mencionar os prédios referindo-se à casa Cunha e à biblioteca pública citou que eles “foram construídos conforme a arquitetura dos locais de origem”, que segundo ele seria a Itália e os Açores. No entanto, sabe-se somente que são prédios antigos e que foram restaurados, porém não se tem certeza da origem arquitetônicas dessas construções.



Figura 23 - Fachada da Biblioteca Pública
Fonte: CALLEGARI, 2017



Figura 24 - Casa Cunha

Fonte: Autora, 2017

O Museu ao Ar Livre ou Calçadão Cultural foi retirado da Avenida Nereu Ramos em 2013 e montado na Avenida Getúlio Vargas com o projeto de urbanização feito pela Prefeitura Municipal inaugurado em 2015. Várias peças não foram mais expostas, restando mosaicos, canoas feitas de cimento e algumas peças simulando vitrais, na figura 25 a imagem de como se apresenta o calçadão atualmente.



Figura 25 - Atual Calçada Cultural
Fonte: Autora, 2017

Ao perguntar sobre a origem histórico-cultural do patrimônio que foi citado na questão anterior, grande parte dos alunos afirmou que não sabia, entretanto a maioria respondeu que é de origem luso-açoriana. Alguns disseram que é de origem italiana, e outra parcela dos entrevistados mencionou ser de origem indígena, mesmo quando se tratava do prédio da Igreja Matriz.

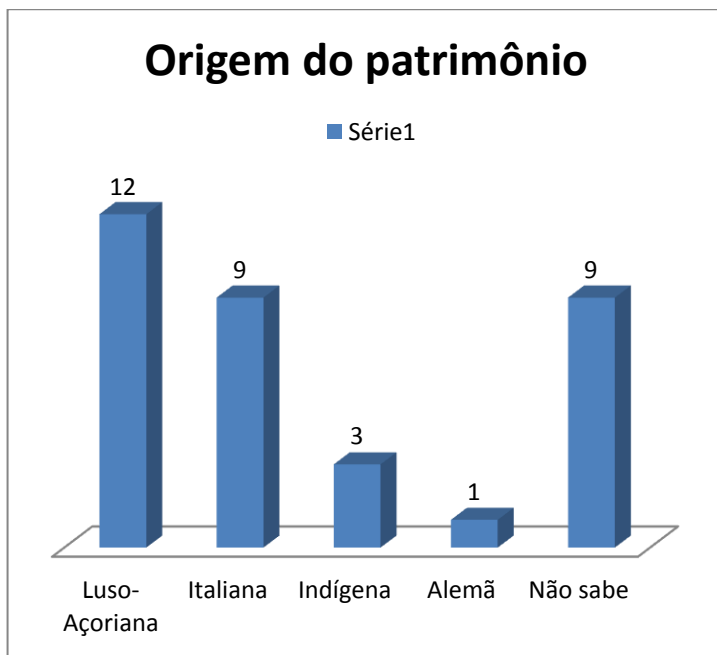


Gráfico 7 - Origem do patrimônio.

Fonte: Entrevista com os alunos.

Ainda no que se refere à origem dos patrimônios anteriormente citados, a opinião dos alunos e professores convergiram, como mostra o gráfico 7, a influência luso-açoriana foi citada 12 vezes, a italiana 9 e a indígena 3 vezes pelos alunos. Enquanto que os professores, em sua maioria (7), também apontaram a influência luso-açoriana como a mais influente nos patrimônios culturais aparentes, seguido da indígena (6) e da italiana (2), um professor salientou que a influência italiana foi maior no interior do município e apenas um citou a afro. Um dos professores entrevistados não assinalou nenhuma cultura nessa questão e justificou que: “Não há destaque de uma única cultura” e que há a influência de todas as culturas citadas. Outro professor, que apesar de apontar a origem açoriana como a mais influente nas características dos patrimônios culturais, ponderou que “há uma contribuição e troca cultural de informações, técnica, hábitos e usos para poder viver no espaço e no lugar”, assim esses dois professores compreendem que a identidade cultural sombriense é resultado da contribuição de várias culturas, que foram se inserindo e mesclando no decorrer dos tempos,

esta construção cultural ainda permanece, não só em Sombrio, mas em todos os lugares, como afirma Canclini (2013) que pensa identidade a partir da hibridização: “entendo hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Para pensar cultura para além dos patrimônios culturais materiais, foi perguntado aos alunos se identificavam algum hábito presente no cotidiano que esteja relacionado à identidade cultural do município. A grande maioria dos alunos (22) respondeu que não identificou nenhum hábito em seu cotidiano que representasse a identidade cultural de Sombrio. Os outros 7 que afirmaram que reconheciam, citaram: jeito de falar, as participações no evento Arraial Fest, a comida como o peixe e o pirão, o arroz com feijão. Três alunos citaram o churrasco e o chimarrão como sendo um hábito do cotidiano familiar que reflete a cultura da cidade, incluindo, portanto, a cultura gauchesca como integrante da base cultural sombriense e marcando a hibridação cultural apontada por Canclini (2013).

Quando questionados se estes alunos se identificavam com a cultura de base luso-açoriana, ou seja, se conseguiam perceber no seu modo de viver traços culturais luso-açorianos, a maioria admite que não se identifica e alguns justificaram dizendo que a família possui costumes com traços culturais mais gauchescos, como o hábito do churrasco aos domingos. Outro justificou dizendo que os hábitos e costumes luso-açorianos são desconhecidos para ele e sua família, assim não conseguia reconhecer se haveria traços dessa cultura. Os alunos que confirmam a sua identificação com a cultura luso-açoriana justificam a afirmação mencionando que a alimentação diária como o aipim (mandioca), feijão, arroz, batatas, peixe e pirão estão diretamente relacionadas a essa cultura. No entanto, esses elementos mencionados estão mais correlacionados à culinária dos indígenas do que com a dos luso-açorianos. Ainda assim, a maioria dos alunos não se identifica com a cultura luso-açoriana como mostra o gráfico.

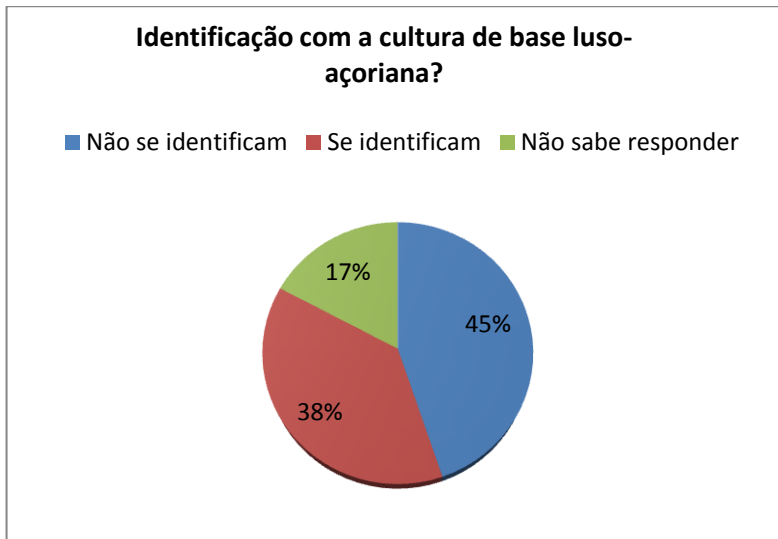


Gráfico 8 - Identificação com a cultura de base luso-açoriana.

Fonte: Entrevista com os alunos.

Os professores foram questionados se os seus alunos identificam alguma relação como de reconhecimento social ou de território (lugar, paisagem, cidade), associando esses elementos como parte de um patrimônio que integram a heranças históricas do seu lugar em algum momento no desenvolvimento de conteúdos geográficos ou no cotidiano escolar em que há abordagens que remetem a temas sobre cultura açoriana. Assim, 2 professores afirmaram que os alunos conseguem reconhecer aspectos da cultura açoriana no espaço em que vivem e conseguem visualizar nesse os patrimônios. Os demais professores (6) afirmaram que os alunos não conseguem fazer associação dos elementos culturais à cultura luso-açoriana, que relacionam mais elementos da cultura gaúcha do que qualquer outra. Um professor afirmou que os alunos não apresentam ligação forte com a cultura e não sabem de sua descendência. Segundo os professores, os alunos têm dificuldades em relacionar a cultura luso-açoriana às marcas na paisagem. Essa dificuldade denota que na verdade essas marcas podem não ter muita relação realmente com a cultura luso-açoriana, e a introdução forçada dessa identidade luso-açoriana acaba confundindo as relações do indivíduo com o lugar, fazendo com que estas pessoas não se reconheçam e percam a afinidade com o lugar em que vivem.

Tendo como base a importância de reconhecer-se no lugar em que vive, foi perguntado aos professores, ao desenvolverem conteúdos que remetem a temas sobre a cultura açoriana, se percebiam que os alunos se identificavam com a cultura de base açoriana. Com base nas respostas, 3 professores sinalizaram que os alunos não se identificam. Outros 5 professores responderam que os alunos se identificam. Entretanto, os entrevistados relatam que os alunos apontam aspectos da cultura local pertinentes à influência da cultura luso-açoriana. Um desses professores relatou: “um pouco, mas quase não se identificam, se forem instigados, oferecendo característica da cultura local, mencionando a cultura açoriana (semelhanças), podem perceber que fazem parte da cultura açoriana”. Os outros professores também afirmaram que quando relacionam a alimentação de pescados e derivados da mandioca (farinha, polvilho), as atividades religiosas, o boi de mamão à cultura luso-açoriana, os alunos identificam-se com essa cultura. Percebe-se, portanto, que os alunos realmente se identificam com a cultura local. Todavia, apresentam dificuldade para se reconhecerem enquanto indivíduos ligados à cultura luso-açoriana. É possível que isso ocorra pelo fato de que, apesar de contribuir para a formação cultural de Sombrio, a cultura em questão não é exclusivamente a única manifestação cultural que influencia o lugar.

No que compreende o desenvolvimento de conteúdos que tratam de temas brasileiros com características da região sul ou catarinense, inserindo o município de Sombrio, quando perguntados aos 8 professores se costumam mencionar a cultura de base açoriana como parte integrante da formação sócio territorial, com manifestações em formas e usos do território, apenas um afirmou que **não**. O referido professor justificou dizendo que quando se trata da Região Sul, fala-se mais sobre a imigração alemã e italiana, enquanto que a luso-açoriana não é mencionada. Um professor mencionou que **às vezes** fala sobre a cultura de base açoriana, porque vê a região como um todo e que os textos a que ele tem acesso, quando cita a cultura de base açoriana, mencionam a atividade pesqueira e a gastronomia relacionada aos frutos do mar. O entrevistado reconheceu que estes aspectos quase sempre se configuram como propaganda oficial do lugar.

Em se tratando dos professores que afirmaram mencionar acerca da cultura açoriana, perguntou-se a eles de que maneira essas abordagens eram feitas. As respostas foram diversas: Um respondeu: “Através da oralidade, de recursos audiovisuais, visitas a lugares, exposições artesanais e culinárias, etc”. O segundo professor disse que

abordava por meio “da contribuição que os diferentes povos deram na formação cultural do município e da região”, mencionando, assim, a contribuição da cultura de base açoriana. O terceiro professor declarou que faz um apanhado histórico, desde a vinda dos imigrantes luso-açorianos até a atualidade. Todavia, dificilmente fala sobre questões de açorianidade, que é difundida para o desenvolvimento do turismo. O quarto professor afirma mencionar acerca do assunto quando apresenta as questões econômicas, como a pesca e características culturais e sociais como modo de falar e a culinária.

A Proposta Curricular das escolas, tanto na rede estadual como municipal, faz, grosso modo, referências à importância de se formar alunos críticos e capazes de questionar e transformar a sociedade. Partindo desse pressuposto, os professores foram questionados como utilizam os conteúdos trabalhando os conceitos geográficos (espaço, lugar, paisagem, cidade/campo urbano/agrário) para viabilizar um processo educativo em consonância com as finalidades de filosofia pedagógica propostas pelas Propostas Curriculares. Abaixo, foram transcritas as respostas.

Professor A – A Proposta Curricular tem por base o Materialismo Histórico, que se diferencia da base de vivência do aluno, que é o modo de produção capitalista. Costumo fazer um paralelo entre as duas sociedades (capitalista e socialista). E procuro fazer uma crítica entre os dois modelos, relacionando a realidade do aluno à desigualdade social e à má distribuição da renda.

Professor B – É necessário, sobretudo, saber avaliar e selecionar criticamente as informações armazenadas para utilizá-las corretamente no cotidiano.

Professor C – Sim, pois, trabalhamos dentro de uma visão crítica-social dos conteúdos, que além de formar cidadãos críticos, sejam também agentes transformadores e atuantes numa sociedade que sofre constantes modificações.

Professor D – Começando pela realidade do aluno, do local para o global, em diferentes escalas “estabelecendo” as relações capitalistas envolvidas.

Professor E – Utilizando os indicadores sociais quando mostram a realidade brasileira. E também a desigualdade dos lugares, na tecnologia e na escolaridade.

Professor F – Não respondeu.

Professor G – Procuro mostrar informações que sirvam de subsídios para que os alunos tirem suas próprias conclusões, como

observar o lugar onde vivem, sem direcionar demais, fazendo o aluno pensar e analisar o espaço em que vive.

Professor H – Observando a paisagem e o espaço geográfico no qual o aluno está inserido.

Com base nas respostas, os conceitos geográficos lugar, paisagem, espaço geográfico, aparecem nas falas dos professores, porém não há profundidade na análise desses conceitos. A análise revela que os conceitos são, muitas vezes, desenvolvidos de maneira superficial em sala de aula.

A entrevista revela que quase não se fala sobre a base cultural da cidade de Sombrio. Por essa razão, é provável que os alunos tenham de modo geral dificuldades para responder os questionamentos, pois, embora conheçam um pouco da história do município, não conseguem “ver” as marcas culturais que ainda permanecem no espaço em decorrência da influência da cultura de outros lugares que se fazem presente no espaço.

Essa constatação sinaliza para a necessidade, nas aulas de geografia, de desenvolver trabalhos relacionados à cultura da cidade e sua relação intrínseca com o global, na intenção de visualizar de forma clara as tendências mercadológicas, no que tange à utilização da cultura.

4.2.3 Refletindo a realidade e suas tendências

A escola tem por finalidade oportunizar, no espaço e tempo, meios para que as pessoas possam se relacionar entre si e, familiarizarem-se com conhecimentos em processos de ensino-aprendizagens. Assim, o trabalho pedagógico é o de proporcionar saberes aos envolvidos, dando acesso às ferramentas culturais e científicas acumuladas durante períodos históricos da humanidade.

Nessa esteira, o trabalho escolar tem por objetivo, promover a liberdade do indivíduo através da reflexão do senso comum, desenvolvendo a capacidade de leitura do mundo pela mediação conceitual das áreas dos saberes. Então, entende-se que o saber científico, aqui, proporcionado aos alunos não é reconhecido como um saber pronto e acabado, como o repassado na pedagogia tradicional, mas um saber que está sendo (re)construído a todo instante por meio de

metodologias e estudo da realidade social-histórica, à medida que vão sendo vivenciados pelos sujeitos da comunidade escolar.

A construção social do conhecimento é a finalidade da escola, assim é possível perceber que a mediação entre os educandos e o saber científico proporcionado pelos educadores ocorre numa relação dialógica. A forma escolar de produção e apropriação dos saberes tem por finalidade educativa não só informar, mas priorizar a formação dos sujeitos.

Nesse sentido, a Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina (1998) menciona que os desafios da educação escolar, atualmente, deve abranger uma série de situações que vão desde como a escola se situa perante as determinações sociais até a postura daqueles que efetivamente conduzem o processo educativo no interior das instituições. Nessa mesma direção, compreende que o ensino de Geografia é responsável pelo estudo do espaço construído pelos homens em relação à natureza. O compromisso social da Geografia, portanto, define-se por sua responsabilidade em estimular o pensamento crítico/reflexivo sobre o meio em que vive o aluno.

Quando se tem como pretensão o ensino da Geografia fundamentado numa concepção científica em que o espaço geográfico é produzido e organizado pelo homem, visando estudar essa produção, supõe-se perceber as relações que os homens desenvolvem entre si e com o meio. Vale eu lembrar que o método como se desenvolve o processo de estudar também é decisivo para a verdadeira apropriação dos significados e sua contextualização.

A Proposta Curricular de Sombrio salienta que o estudo da paisagem local não deve restringir-se à mera constatação e descrição dos fenômenos que a constituem, antes deve servir a uma compreensão crítica do espaço geográfico (SOMBRIO, 2012).

Com base no que prevê a Proposta Curricular, entende-se que o papel da geografia é o de compreender o espaço como um todo - aspectos físicos e humanos, e suas determinações na relação estabelecida pela sociedade com o meio. Nessa perspectiva, o objetivo principal dos estudos, tendo como base os conteúdos de Geografia:

“continua sendo o espaço geográfico, entendido como produto histórico, como um conjunto de objetos e de ações que revelam as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem num determinado lugar, interagem,

sonham, produzem, lutam e o (re) constroem” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 7).

Desse modo, o espaço geográfico é resultado das práticas sociais e de diferentes grupos que se relacionam num determinado lugar, uma vez que realizam trocas de experiências, compartilham saberes e modificam a cultura do lugar que engloba todas as possíveis contribuições. Por essa razão, a cultura local é tão diferenciada, sendo praticamente impossível existirem dois lugares com mesma cultura.

A tendência em nomear a cultura de Sombrio e a do litoral catarinense como sendo de base luso-açoriana, como proposta de desenvolvimento do turismo, imita e cria a ideia de homogeneização todos esses lugares como se fossem iguais, no entanto possuem características muito peculiares.

Como não há esta homogeneização, a tendência é que determinadas ações cada vez mais tornem esses lugares mais semelhantes entre si e também mais parecidos com a cultura, que neste caso seria a luso-açoriana. Como exemplo, em Sombrio, pode ser citada a construção do Calçadão Cultural que consistia em trazer aspectos da cultura local com menção à cultura luso-açoriana e o financiamento de grupos de danças açorianas como Açor Sul, reproduzindo danças que até então não eram vistas pela sociedade sombriense.

Estas ações alavancaram a marca luso-açoriana na cultura de Sombrio, que foi assimilada como verdade única sem contestação e sem críticas, e seguem sendo aceitas de forma silenciosa.

A escola passa a ser assim um ambiente “fértil” para este tipo de introdução, pois está nesse espaço uma grande parcela da sociedade a contar alunos, professores, funcionários e pais. Desenvolver ali um trabalho de divulgação da cultura açoriana é o meio mais rápido e fácil de atingir grande parte das pessoas do município. O fato de a escola ser um ambiente de conhecimento e de saberes, é mais difícil de contestar aquilo que ela divulga.

O diálogo e o aprofundamento dos saberes deveriam vir principalmente das pessoas que compõe a escola, seria o lugar mais propício para dialogar com a comunidade e também com os representantes do poder público dentro de uma concepção problematizadora e também dialógica entre homens e mundo, entre a palavra, a ação e a reflexão. “O diálogo é este encontro dos homens,

mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (FREIRE, 2015, p. 93)

Partindo desse pressuposto, no contexto da relação dialógica, é conveniente fazer exercício de questionamento do **para quê** e **para quem** serve o conhecimento, e assim selecionar conteúdos e escolher as melhores metodologias para que o conhecimento produzido no ambiente escolar garanta pelo menos em parte o desenvolvimento de um espaço que represente os anseios da sociedade como um todo.

A partir no que se colocou aqui, acerca da necessidade perceber a manifestação de aspectos diversos no âmbito cultural e com base nos dados coletados, por meio do instrumento – questionário, tanto no que compreende as resposta dos professores como as dos alunos, verificou-se que as tentativas difusão da cultura luso-açoriana, não tem tido efeitos pela falta de ressonância que esta tem com a população, e que a escola quanto se propõe a manifestar-se sobre este assunto, a faz auxiliando na difusão de identidade luso-açoriana em Sombrio, mesmo tendo dificuldades em comprovar onde estão as marcas deixadas por esta cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os questionamentos que originaram esta pesquisa remontam as aulas de Geografia, desenvolvidas ainda quando atuava como professora de ensino fundamental. Lá já percebia a influência cultural no lugar e no seu desempenho pelas atividades econômicas. Ainda em aulas, algumas vezes, a manifestação de um aluno que argumentava sobre incentivos financeiros a grupos de danças açorianas e a negação desses financiamentos aos GTGs, inclusive ao grupo de que ele e familiares faziam parte, já se conseguia perceber dada indignação de influências do poder público que direcionava ações de incentivo à determinadas bases culturais. Esses fatos que ocorreram em ambiente escolar mostravam quão ricas seriam as possíveis discussões que remeteriam a práticas culturais e à construção de conceitos associados com conteúdos relacionados ao espaço geográfico.

Portanto, nessa pesquisa, procurou-se compreender e discutir de que maneira vêm sendo feitas abordagens luso-açorianas no ensino da Geografia, particularmente no ensino fundamental do município de Sombrio. A reflexão sobre o que é cultura, quem determina a base cultural a ser difundida e/ou quais as consequências da apropriação e /ou disseminação cultural, assim como articular essas ideias aos conceitos geográficos de espaço, lugar, paisagem, cidade e urbano, nas aulas de geografia às perspectivas do processo atual de globalização, permearam as abordagens nessa pesquisa.

Como mencionado, o espaço construído é resultado da história das pessoas que ali vivem e da forma como usam, trabalham o território e nele relacionam um “todo”. Ou seja, como produzem e usufruem das materialidades, assim como elas geram efeitos na totalidade espacial e temporal. A compreensão de um lugar requer o conhecimento da sua história e o entendimento das coisas que ali ocorrem, como também, o que acontece na relação às outras escalas territoriais.

Os elementos que pertencem ao lugar são repletos de histórias não são isolados ou independentes, mas, contraditórios e/ou complementares. Assim, nesse contexto de relações, cada lugar se configura de diferentes formas e reage, a seu modo, aos impactos do seu tempo e, nos contextos atuais à globalização, impondo transformações como no “mundo do trabalho”, imprimindo lógicas centradas em produtos que a ciência e o mercado capitalista dinamizam, difundindo padrões de desenvolvimento e criando novas condições para que haja a acumulação capitalista. Esses fatos tornam os lugares tão únicos e

praticamente impossíveis homogeneizá-los sem observar suas peculiaridades.

A proposta da Santur, em regionalizar Santa Catarina, visando o desenvolvimento de práticas de turismo sob a ótica de negócios, em que elementos da cultura de base luso-açoriana, por exemplo, vem sendo propagados, em vários municípios do litoral, configura-se como estratégia para criar tentativas de resgatar elos identitários no/do espaço e na sociedade como patrimônio material e imaterial. Essa prática tende a impor semelhanças entre lugares, que configura, de certa, homogeneização de práticas territoriais, retirando peculiaridades que podem suscitar, por vezes, nas pessoas que ali vivem certas condições de não reconhecimento do espaço e, por não se sentirem identificados a esse, muitas consequências surgem por desinteresses ou conforme Santos (2012) “uma vigorosa alienação”.

Por outro lado, quando o sujeito se identifica com o lugar onde vive, tem interesses em apropriar-se dele, ajuda a tomar decisões, participa de processo de construção e reconstrução territoriais evitando, muitas vezes, a depredação de patrimônios públicos naturais ou culturais, agindo como cidadão.

Nessa perspectiva, a escola tem papel fundamental nos processos educativos, pois é ela que deve proporcionar as reflexões necessárias à formação plena dos educandos e, sendo instituição democrática e autônoma rompe com modelo de dominação existente servindo, assim, a propósitos mais coletivos, de uma concreta formação para a cidadania. No entanto, quando há o interesse de agentes sociais como o poder público em difundir determinada dimensão cultural, a escola é uma das instituições procuradas, pois, através dela pode-se ter acesso à significativa parcela da sociedade e, ainda, ter respaldo fundamentado no conhecimento científico que está presente nesse ambiente.

Em Sombrio, este fato ocorreu com muita veemência, quando várias atividades foram desenvolvidas nas escolas com a intensão de introduzir e disseminar ideias que visassem ao consumo de práticas culturais e sociais como foi relatado no decorrer desta pesquisa. Essas atividades, muitas vezes, tiveram a intenção de resgatar aspectos ditos de cultura local, que foram impulsionados para alcançar objetivos difusos ditos de base luso-açoriana. Assim, todas essas práticas só dificultam análises pedagógicas de conceitos como os geográficos que, muitas vezes, nem sequer estão relacionados àqueles próprios que ocorrem na sociedade e refletidos na escola.

Ao elaborar e desenvolver o projeto desta pesquisa, vislumbravam-se algumas pistas do que poderíamos encontrar no interior das escolas relacionadas à questão-problema, que norteou essa proposta: Como alunos e professores da rede pública de Sombrio compreendem a construção do espaço geográfico e como desenvolvem conceitos afins, através de abordagens que articulam elementos da cultura de base luso-açoriana? A primeira ideia cogitada a responder tal problematização foi a de que professores, em suas práticas diárias, estariam fazendo abordagens àquela divulgação de cultura luso-açoriana, relacionando-as com aspectos inerentes da vida local à globalização econômica atual. A segunda ideia, é a de que não estivessem relacionando aquela difusão à intenção mercadológica do turismo e compreendessem como sendo um movimento espontâneo da sociedade. A terceira ideia seria a de que professores, ao desempenhar suas atividades educativas, não mencionassem a difusão da cultura luso-açoriana e essa não fizesse parte do contexto atual do lugar onde vivem, porém, por serem incentivados pelo poder público, acabariam desenvolvendo “projetos” extracurriculares objetivando tal difusão, sem fazer reflexão sobre quais as finalidades de tais incentivos.

Ao final da pesquisa, pode-se perceber que os professores e alunos durante o desenvolvimento daquelas atividades relacionadas em seus respectivos projetos, desenvolveram apenas coletas de informações culturais nos bairros e localidades do município em que compreendiam ser aqueles resgates de dados que corresponderia a uma vontade espontânea da sociedade. Então, acreditavam realmente que a base cultural sombriense era de origem luso-açoriana por não fazer reflexão mais aprofundada sobre a origem dos resquícios culturais que se faziam presentes em certos comportamentos das comunidades. No entanto, como esses projetos eram incentivados pela prefeitura municipal, determinados professores compreenderam que se tratava de mera divulgação de políticas através da cultura luso-açoriana. Perceberam então, que estavam sendo “usados” para outros fins e, acabaram abandonando aqueles projetos de resgate cultural. Outros professores continuaram desenvolvendo algumas atividades, porém, quando a prefeitura municipal deixou de incentivar, esses projetos acabaram por completo. Seria interessante que houvesse continuidade, porém que fosse possível e viável aos professores, juntamente com os alunos, aprofundarem suas atividades e estudos sobre a cultura, na forma dinâmica de como essa se processa, vendo nas origens dos vestígios culturais e também na articulação com a difusão da cultura luso-

açoriana, relacionando-a aos efeitos da globalização econômica no espaço geográfico.

Essas recomendações, aqui esboçadas, devem-se ao fato de que ao realizar as entrevistas para esta dissertação percebeu-se que professores consultados não relacionavam as “tendências impostas” de difusão da cultura luso-açoriana com a construção dos conceitos geográficos e nem faziam qualquer relação com os aspectos da globalização econômica na sua prática de ensino-aprendizagem, denotando-se assim carências de conteúdos nas atividades relacionadas a esses temas, que seriam possíveis se houvesse aprofundamento dessas discussões em sala de aula.

No decorrer desta pesquisa, várias dificuldades se manifestaram. Dentre elas está a dificuldade em encontrar disponibilidade dos os professores para participarem das entrevistas, pois esses têm cargas horárias intensas de trabalho efetivo com alunos, o que denota que eles não dispõem de tempo para fazer qualquer reflexão que proporcione o aprofundamento de discussões como as propostas nesta pesquisa. Portanto, percebe-se que é preciso disponibilizar aos professores mais tempo para elaborarem atividades de trabalho pedagógicos nas escolas, com o intuito de dialogar mais sobre as questões culturais e proporcionar análises mais aprofundadas sobre a relação entre identidade e os conceitos geográficos como de lugar, paisagem, território, cidade e urbano, algo que, certamente, estaria melhor reconhecido nas intenções para formação cidadã dos alunos.

A pesquisa seguiu referências de caminhos já percorridos por autores que se interessaram pela temática da cultura e conceitos geográficos no ensino da Geografia. Espera-se que esta pesquisa contribua para novas caminhadas pedagógicas e afins, contribuindo para a qualificação do debate em níveis cada vez mais densificados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. 1998. Sobre a Memória das Cidades. In Revista TERRITÓRIO, ano III, nº4: pp.5-24.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu de. **A geografia do Brasil na educação básica**. Tese de doutorado. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2010.

BELTRÃO, Leila Maria Vasquez. **A Industrialização em Sombrio: Gênese e evolução**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2001.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BORTONCELLO, Rodolfo. Turismo y patrimônio, entre la cultura y el negócio. PAES, M. T. D, OLIVEIRA, M. R da S, Orgs. **Geografia, turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2010.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAMPOS, Nazareno José de. **Açorianos do litoral catarinense: da invisibilidade à mercantilização da cultura**. Revista Arquipélago, 2009.

_____. **Litoral catarinense: O coletivo e individual entre a população de origem açoriana.** Florianópolis: UFSC, Cadernos geográficos, Número 24. Agosto de 2011.

_____. **Terras comunais na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: UFSC/ Fundação Catarinense de Cultura, 1991.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas. Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2013.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de e FONSECA, Maria Cecília Londres. Patrimônio imaterial no Brasil. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade, ensaios sobre o ensino da geografia para a vida urbana cotidiana.** 3ª edição. Campinas: Papirus, 2008.

_____. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos.** 16ª edição. São Paulo: Papirus, 1998.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Tradução: Luiz Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4ª edição. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

COELHO, Rolando Christian Sant' Helena. **Assim nasceu Sombrio.** Sombrio: Jornal Correio do Sul, 2003.

COUTINHO, Laura. **Rancho Açoriano apresenta menu de inverno com caldinho de garoupa e ragu de siri em Floripa.** Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/whats-up/noticia/2016/06/rancho-acoriano-apresenta-menu-de-inverno-com-caldinho-de-garoupa-e-ragu-de-siri-em-floripa-5824455.html>. Acesso em: 20/09/2015.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil Meridional uma viagem no tempo: povoamento, demografia, cultura/ Açores e litoral catarinense.** Florianópolis. Ed. do autor, 1998.

_____. **Sombrio: 85 anos: natureza, história e cultura: para o ensino fundamental.** Sombrio: Ed.do autor, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio.** São Paulo:Positivo, 2014.

FERREIRA, Sergio Luiz. **Nós não somos de origem : populares de ascendência açoriana e africana numa freguesia do sul do Brasil (1780-1960).** Tese de Doutorado. Florianópolis, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.**59ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônio". In: Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, 2007. p.211-234.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós- Modernidade.** Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 1997.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.**17ª edição. São Paulo: Loyola, 2008.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá. Reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930.** Porto Alegre: Palmarinca/ Est.,1994.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística. **PAS - Pesquisa Anual de Serviços, 2006.** Disponível na internet via WWW URL:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/comercioeservico/pas/pas2006>. Arquivo consultado em 10 de Junho de 2015.

INSTITUTO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN.
Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação.
Introdução de Antonio Augusto Arantes Neto. IPHAN, 2000b. 156p.

IPHAN. – Florianópolis: Superintendência do IPHAN em Santa Catarina, 2010. 88p.

KREMER, Roberta. Culinária açoriana encanta os turistas. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/02/culinaria-acoriana-encanta-os-turistas-3659088.html>. Acesso em: 20/09/2015

LEAL, João. **Cultura e Identidade Açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MACHADO, Ewerton Vieira. Florianópolis: Um lugar em tempo de globalização. Tese (Doutorado) USP. São Paulo, 2000.

MARCHIORI, Rafael. **Cultura açoriana preservada em Bombinhas**. Disponível em:
<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2013/01/cultura-acoriana-preservada-em-bombinhas-4029680.html>
Acesso em: 23/09/2015

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais do Espaço Público. In: **Estudos Históricos**. 1998.

_____. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Conferência Magna. I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural. Volume 1, 2009.

MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo. A diversidade cultural no Brasil – nação**. Petrópolis: Vozes, 1991

OURIQUES, H. R., CAON. 2005, **A invenção do turismo em Santa Catarina**. Revista Espaço Acadêmico. Nº49, Junho.

PEREIRA, J. J. **Sombrio: sua origem, seu povo e tradições**. Sombrio, 1972.

RANGEL. Ignacio. **A história da dualidade brasileira**. In: Revista de economia política, São Paulo, v 01, n.04, out/dez., 1981.

_____. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

REITZ, Raulino. **Paróquia do Sombrio progresso religioso e social: ensaio de uma monografia paroquial 1938-1948**. Imprimatur. Florianópolis, 1947.

SANTA CATARINA, Evolução histórico-econômica de Santa Catarina. Estudo das alterações estruturais (1600-1960). Florianópolis: CEAG/SC, 1980.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. Proposta Curricular de Santa Catarina: Geografia. Florianópolis: IOESC, 1998.

Santo Antônio de Lisboa: recanto marcado pela colonização açoriana. Disponível em:

<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/12/santo-antonio-de-lisboa-recanto-marcado-pela-colonizacao-acoriana-3984972.html>.

Acesso em: 22/09/2015

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção**. 4ª edição. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Célia Maria E. Ganchos. Formação sócio-espacial de Sombrio: gênese e desenvolvimento. In: SCHEIBE, L. F. & PELLERIN, J. (org). **Qualidade ambiental nos municípios de Santa Catarina: O município de Sombrio.** Florianópolis: FEPEMA. 1997. p. 15 a 27.

SILVA, Nivalva Maria Pereira. **Documento norteador do processo de desenvolvimento histórico, político e social do município de Sombrio.** Sombrio: Prefeitura Municipal, 1994.

SIQUEIRA, Santiago Alves de. **A Cidade o Urbano e a Geografia Escolar: Reflexões a partir de práticas pedagógicas no ensino fundamental em Florianópolis/SC.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SOUZA. Rose Maria Martins Gomes. **Alimentação e culinária na cultura dos descendentes de açorianos em Santo Antônio de Lisboa – Florianópolis (Ilha de Santa Catarina - Brasil).** Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina, 2010.

SPRÍCIGO, Antônio César. **Sujeitos Esquecidos Sujeitos Lembrados: Escravidão na Freguesia do Araranguá no Século XIX.** Murialdo: Caxias do Sul, 2007.

ANEXO 01 – Termo de consentimento e livre esclarecimento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOCÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CONCENTRAÇÃO: DESENVOLVIMENTO REGIONAL E URBANO
LINHA: GEOGRAFIA EM PROCESSOS EDUCATIVOS**

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Convidamos a participar da pesquisa: “Abordagens Açorianas na Realidade Escolar: Trajetórias e Perspectivas a Partir do “Olhar Geográfico” no Ensino Fundamental de Sombrio-SC”, sob e responsabilidade de Cristina Quartieiro Dalpiaz Soares, a qual pretende analisar como alunos e professores do Ensino Fundamental das escolas da rede pública no Município de Sombrio/SC compreendem a construção do espaço geográfico e desenvolvem conceitos afins, através de abordagens que articulem elementos da cultura de base açoriana no uso do território.

Sua participação é voluntária, anônima e se dará por meio de entrevistas. Se você aceitar estará contribuindo para pesquisa e desenvolvimento da prática educativa na disciplina de Geografia. Os resultados serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo, assim os possíveis riscos de desconforto, se porventura existirem poderão ser desconsiderados, pois não serão divulgados os nomes dos participantes.

Eu _____,
fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer, por que precisa de

minha colaboração e entendi a explicação. Por isso concordo em fazer a pesquisa, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser.

Data: ____/____/____

Participante da pesquisa

Pesquisador responsável

ANEXO 02 – Entrevista para os professores**QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES**

1. Nome:
2. Formação: () Licenciatura em geografia () Licenciatura e bacharelado em geografia () Outro
3. Quanto tempo é formado?

4. Escola (s) que trabalha:

5. Situação funcional: () Nomeado () Contratado

6. Carga horária semanal:

7. Na sua opinião qual (quais) as bases da raiz cultural que contribuíram na formação do Município de Sombrio? Assinalar por ordem de influência (s): () Indígena () Afro () Italiana () Açoriana () Alemã () Outra. Qual?

8. Quais tipos os patrimônios culturais você considera significativos e se fazem presente no território e na sociedade no município de Sombrio?

Justifique a sua opinião:

9. Para você qual a origem histórico-cultural desse (s) patrimônio (s)?

() Indígena () Afro () Italiana () Açoriana

() Alemã () Outra.

Qual? _____

10. Nas discussões referentes a conteúdos que tratam de temas brasileiros / região sul ou catarinense – inserindo o Município de Sombrio, você costuma mencionar a cultura de base açoriana como sendo parte integrante da formação sócio territorial, com manifestações em formas de usos do território? () Sim () Não () Às vezes

Caso **Sim** ou **Às vezes**, poderias explicar de que maneiras são feitas essas abordagens?

Caso **Não**, justifique sua resposta:

11. Você acha que em algum momento no ensino de conteúdos geográficos ou do cotidiano escolar em que haja abordagens que remetem a temas sobre cultura açoriana, seus alunos identificam alguma relação como de reconhecimento social ou de território (lugar, paisagem, cidade....), associando esses elementos como parte de um patrimônio que integram a heranças históricas do seu lugar? Explique detalhando essa sua resposta.

12. Quando você aborda tais conteúdos, percebe que os alunos se identificam com a cultura de base açoriana? Poderia dar exemplo para fundamentar sua resposta.

13. A proposta Curricular da sua escola (dentro da rede que está inserida) faz, grosso modo, referências à importância de se formar alunos críticos e capazes de questionar e transformar a sociedade. Como você se utiliza de conteúdos trabalhando conceitos geográficos (espaço, lugar, paisagem, cidade/ campo, urbano/ agrário) para viabilizar um processo educativo que vá ao encontro daquelas finalidades de filosofia pedagógica?

ANEXO 03 – Entrevista para os alunos**QUESTIONÁRIO PARA OS ALUNOS DO 7º ANO**

1. Nome:

2. Escola:

3. Onde você nasceu?

4. Sempre morou em Sombrio?

5. Qual(is) a origem(ns) (...) do(s) seu(s) sobrenome(s)?

6. Seus pais se consideram descendentes de:

Pai:

Mãe:

7. Na sua opinião qual (quais) as bases da raiz cultural que contribuíram na formação do Município de Sombrio? Assinalar por ordem de influência (s) (1ª, 2ª, 3ª):

() Indígena () Afro () Italiana () Luso-Açoriana () Alemã
() Outra. Qual?

8. Quais as construções antigas que você acha que melhor representa a cultura do Município de Sombrio?

Justifique a sua opinião:

9. Para você qual a origem histórico-cultural desse (s) patrimônio (s)?

- Indígena Afro Italiana Açoriana
 Alemã Outra. Qual? _____

10. Você identifica algum hábito presente no seu cotidiano que representa a identidade cultural no município? Sim Não

Se **Sim**, quais?

11. Quando o professor aborda conteúdos sobre a cultura do Brasil / Região Sul/ Santa Catarina/ Sombrio, você se identifica com a cultura de base luso-açoriana? Poderia dar exemplo para fundamentar sua resposta.